

A perceção dos alunos sobre realidades espácio temporais da Europa no ensino da História

Relatório de Estágio

Flora Rafaela da Silva Céu

Mestrado em

**Ensino de História no 3º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino
Secundário**



Ponta Delgada
2024

A percepção dos alunos sobre realidades espaço temporais da Europa no ensino da História

Relatório de Estágio

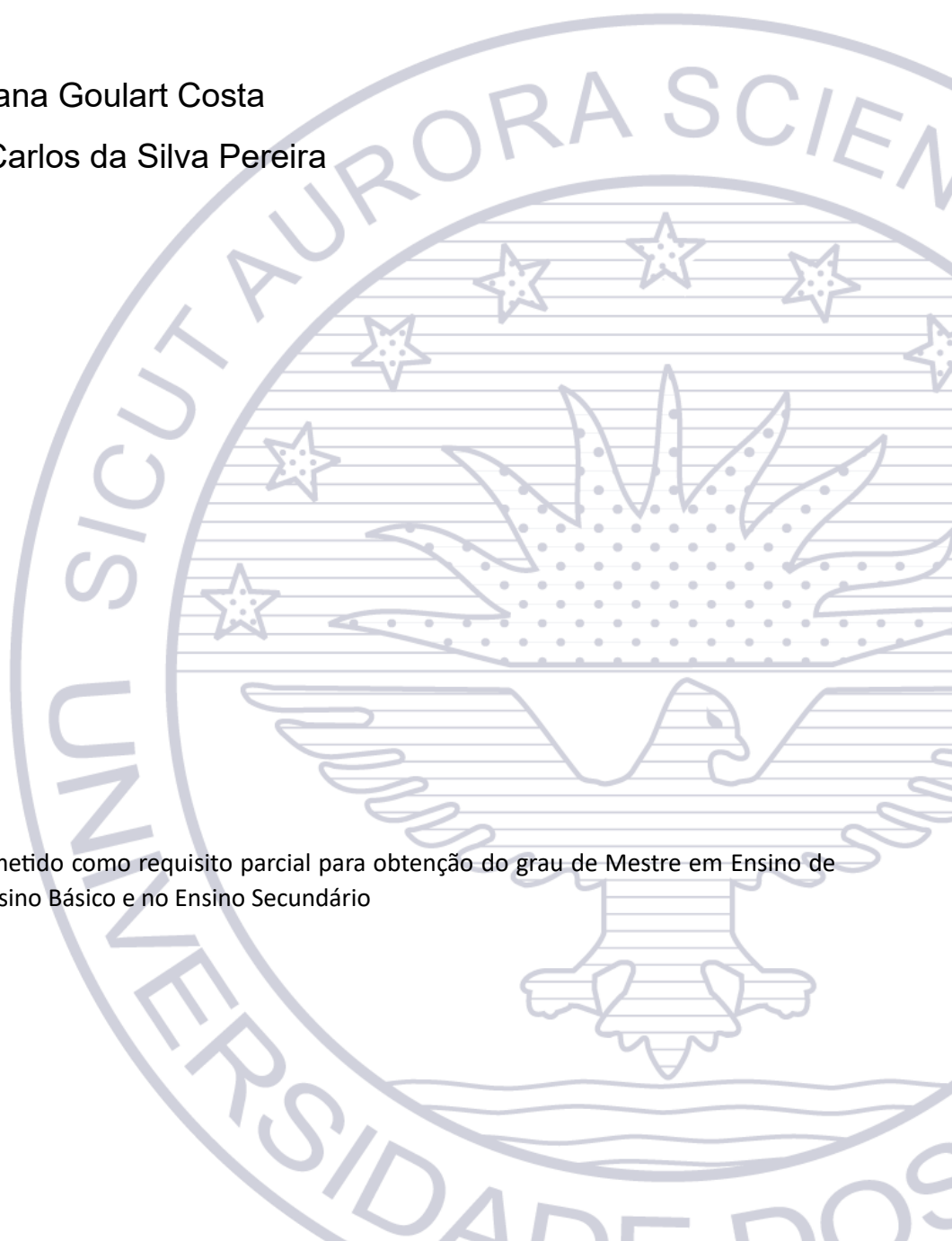
Flora Rafaela da Silva Céu

Orientadoras

Prof.^a Doutora Susana Goulart Costa

Prof. Doutor José Carlos da Silva Pereira

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário



Índice

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Introdução.....	8
Capítulo I – A realidade espaço-temporal europeia no ensino da História.	10
1. Perceção Espaço-temporal na Educação.....	14
2. História e Geografia da União Europeia no Currículo Escolar	16
3. Fatores que Influenciam a Perceção dos Alunos.....	25
4. Metodologias Utilizadas em Estudos Anteriores.....	27
Capítulo II - Design metodológico do Relatório.....	28
1. Objetivos	28
2. Metodologias.....	29
3. Processo de aplicação dos questionários.....	33
4. Diário de Bordo.....	35
4.1. Jogos didáticos	35
4.2. Aulas temáticas.....	36
Capítulo III – O contexto da intervenção educativa.....	37
1. Caracterização do meio envolvente e da escola.....	38
2. Caracterização das turmas.....	39
2.1. Turma A.....	39
2.2. Turma B.....	40
Capítulo IV – A Ação Pedagógica.....	41
1. Diário de bordo- Atividades Práticas	41
1.1. Associação de imagens.....	41
1.2. Jogo da Glória- Tradições dos diferentes países da UE.....	44
1.3. Associação das bandeiras de cada país da EU e Capitais dos países da União Europeia.	47
1.4. Línguas faladas nos diferentes países da União Europeia.	51
2. Diário de Bordo- Aulas temáticas	54
2.1. Lenda da Europa.....	54
2.2. A formação de reinos bárbaros pela Europa.	56
2.3. A importância do Cristianismo como unificador da Europa.	59
2.4. Feudalismo.	61
2.5. Era das Descobertas e Expansão Marítima.....	63

2.6. Absolutismo e Iluminismo.....	66
Capítulo V- Análise dos Inquéritos.....	70
1. Primeira fase dos inquéritos.....	70
2. Segunda fase dos inquéritos.....	76
Capítulo VI- Discussão dos Resultados.....	82
Capítulo VII- Resultados.....	83
Conclusão.....	86
Bibliografia.....	90

Agradecimentos

Concluir este relatório de estágio representa não apenas o fim de uma etapa importante, mas também a concretização de um sonho. Esta jornada foi marcada por altos e baixos, onde momentos de incerteza e desafios se entrelaçaram com aprendizagens profundas e conquistas gratificantes. “Não podes controlar o vento, mas podes ajustar as velas”; e assim foi ao longo deste percurso: ajustei-me às circunstâncias, aprendi com os erros e cresci a cada desafio superado. Nada disso teria sido possível sem o apoio, orientação e carinho de muitas pessoas especiais, cuja presença e incentivo foram fundamentais para que este sonho se tornasse realidade.

Gostaria de prestar o meu agradecimento aos professores que me orientaram ao longo deste trabalho, à Professora Doutora Susana Goulart que desde a licenciatura se mostrou disponível para me escutar e aconselhar, ao Professor Doutor José Pereira pela paciência, profissionalismo e rigor nos métodos de trabalho que me incutiu. Agradeço a ambos por cada palavra de motivação, por cada momento de escuta e pelas lições que transcendem as páginas deste relatório. Ao Professor Pedro Gonçalves, meu orientador de estágio pedagógico, pela sua dedicação e inspiração ao longo do meu estágio, levarei comigo as valiosas lições aprendidas sob sua orientação, com o compromisso de inspirar os meus alunos, assim como me inspirou.

À minha família, o meu porto seguro, que sempre me deu asas para voar e forças para acreditar nos meus sonhos. A cada um de vocês, mãe, pai e irmãos, o meu agradecimento por me sustentarem nos momentos mais difíceis e por celebrarem comigo cada conquista, por menor que fosse. Aos meus amigos, cuja amizade e incentivo foram combustível para seguir em frente, e àqueles que compartilharam comigo sorrisos, desafios e aprendizagens ao longo desta jornada. Por fim, mas com especial destaque, à minha melhor amiga, que é também a minha mãe. Mulher forte e exemplo de dedicação e resiliência, inspirou-me a amar a educação e a acreditar que ensinar é uma das formas mais bonitas de transformar o mundo. O seu amor, a sua força e o exemplo que me deu ao longo da vida cultivaram em mim o desejo de ser professora. Esta conquista também é dela.

Resumo

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma forte necessidade de reestruturar e reconstruir muitas nações europeias, dada a extensão devastadora do conflito. Além disso, a Europa viu a ascensão de potências globais emergentes, como os Estados Unidos e a União Soviética, que influenciaram significativamente a geopolítica e as alianças na região. Como resultado, várias nações europeias sentiram a necessidade de se organizar e cooperar para garantir a estabilidade e promover o desenvolvimento económico e político. A partir desta necessidade nasce, oficialmente, em 1993 a União Europeia¹ (UE), com a principal intenção de promover a cooperação económica entre os Estados-membros e estabelecer um mercado comum, que eliminasse as barreiras comerciais e facilitasse a livre circulação de bens, serviços, pessoas e capital. Em 1986, Portugal adere à CEE e desde aí tem sido um membro ativo da União Europeia, participando ativamente na formulação de políticas europeias e beneficiando dos programas de financiamento e cooperação promovidos pela UE. A adesão à CEE teve um papel crucial na transformação de Portugal num país moderno e próspero, integrado no contexto europeu.

Deste modo, nos últimos anos tem-se observado um interesse crescente em desenvolver assuntos relacionados com o espaço europeu, tanto no contexto académico quanto na esfera profissional. Este interesse reflete a crescente necessidade de se compreender e abordar os desafios complexos e as oportunidades emergentes na União Europeia, enquanto espaço económico e social, constituído, atualmente, por vinte e sete países, mas que se alicerça em bases históricas profundas da História da Europa e do Mundo. É precisamente neste âmbito de reflexão que este trabalho se insere, sobretudo porque procura compreender o modo como os alunos tomam consciência de realidades espaço temporais na Europa no Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

O presente relatório de estágio procura contribuir para este panorama dinâmico, fornecendo uma análise aprofundada e uma avaliação crítica da perceção dos alunos quanto ao espaço europeu, refletindo sobre o contributo do ensino da História para esta perceção com o objetivo de preencher lacunas no conhecimento existente e oferecer perspetivas inovadoras que possam informar tanto a teoria como a prática nesta área.

¹ A União Europeia (UE) tem as suas raízes na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), criada em 1951, e na Comunidade Económica Europeia (CEE), estabelecida em 1957 pelo Tratado de Roma. Estas iniciativas pioneiras promoveram a integração económica e política entre os Estados-membros, pavimentando o caminho para a fundação oficial da União Europeia (EU) em 1993, com o Tratado de Maastricht.

A integração europeia no campo da educação tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento das relações interculturais, na promoção da mobilidade estudantil e na criação de um espaço de aprendizagem diversificado e inclusivo. De acordo com a Comissão Europeia, o Espaço Europeu na Educação (EEE) representa uma iniciativa abrangente que visa facilitar a harmonização dos sistemas educacionais em toda a Europa, promovendo a cooperação entre instituições de ensino, a transparência educacional e o reconhecimento mútuo de qualificações académicas. Neste contexto, compreender a importância e o impacto do EEE é fundamental para analisar as dinâmicas educacionais, sociais e culturais que moldam a identidade europeia contemporânea, bem como para explorar os benefícios e desafios associados à construção de uma comunidade educacional integrada e colaborativa.

Palavras-Chave: Europa, relações interculturais, comunidade educacional, Ensino da História

Abstract

After the World War II, there was a strong need to restructure and rebuild many European nations, given the devastating extent of the conflict. Furthermore, Europe saw the rise of emerging global powers such as the United States and the Soviet Union, which significantly influenced geopolitics and alliances in the region. As a result, several European nations felt the need to organize and cooperate to guarantee stability and promote economic and political development. The European Community (EC) was born in 1957, with the main intention of promoting economic cooperation between European countries. members and establish a common market, which would eliminate trade barriers and facilitate the free movement of goods, services, people and capital. In 1986, Portugal joined the EC and since then has been an active member of the European Union, actively participating in the formulation of European policies and benefiting from financing and cooperation programs promoted by the EU. The access to the EC played a crucial role in transforming Portugal into a modern and prosperous country, integrated into the European context.

Thus, in recent years there has been a growing interest in developing subjects related to the European space, both in the academic context and in the professional sphere. This interest reflects the growing need to understand and address the complex challenges and emerging opportunities in the European Union, as an economic and social space, currently made up of twenty-seven countries, but which is based on deep historical bases

in the History of Europe. and the World. It is precisely in this scope of reflection that this work is inserted, mainly because it seeks to understand the way in which students become aware of spatial and temporal realities in Europe in the Teaching of History in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education.

European integration in the field of education has played a crucial role in strengthening intercultural relations, promoting student mobility and creating a diverse and inclusive learning space. The European Education Area (EEES) represents a comprehensive initiative that aims to facilitate the harmonization of educational systems across Europe, promoting cooperation between educational institutions, educational transparency and mutual recognition of academic qualifications. In this context, understanding the importance and impact of the EEES on education is fundamental to analyzing the educational, social and cultural dynamics that shape contemporary European identity, as well as to exploring the benefits and challenges associated with building an integrated and collaborative educational community.

Keywords: Europe, intercultural relations, educational community, History teaching.

Introdução

Este relatório de estágio resulta de uma experiência pedagógica realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, desenvolvida numa escola situada na Ilha de São Miguel, nos Açores. Este contexto insular, marcado por uma rica diversidade cultural e histórica, ofereceu um cenário particularmente propício para explorar a complexidade do ensino da História, nomeadamente no que diz respeito à perceção dos alunos sobre as realidades espaço-temporais da Europa.

O tema central deste trabalho, “A perceção dos alunos sobre realidades espaço-temporais da Europa no ensino da História”, reflete uma preocupação pedagógica essencial: preparar os estudantes para compreender as dinâmicas históricas e geográficas que moldaram o continente europeu. Este foco não só promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania ativa, mas também ressalta o papel do ensino da História como ferramenta indispensável para a construção de identidades plurais e para o entendimento das interligações entre passado, presente e futuro.

A escolha deste tema foi fortalecida pela integração ativa no Clube Europeu da escola, um projeto educativo que desempenha um papel crucial na sensibilização dos alunos para os valores europeus e para a diversidade cultural que caracteriza o continente. As atividades realizadas neste âmbito (questionários, jogos didáticos e aulas temáticas) não só enriqueceram a prática pedagógica como também proporcionaram valiosas percepções dos alunos relativamente à Europa enquanto espaço geográfico e histórico.

O presente relatório está estruturado de forma a oferecer uma análise abrangente e coerente. A primeira parte concentra-se na fundamentação teórica, com uma reflexão aprofundada sobre a relevância do conceito de realidade espaço-temporal no ensino da História. São explorados autores e teorias que sustentam a importância de contextualizar o espaço e o tempo na aprendizagem histórica, permitindo aos alunos interpretar as interconexões entre eventos.

Na sequência, o relatório apresenta a metodologia adotada, que combina estratégias qualitativas e quantitativas. Estas incluem a aplicação de questionários para captar a evolução das percepções dos alunos antes e depois das atividades, o uso de um diário de bordo para documentar as experiências pedagógicas e a observação direta das interações em sala de aula. Estas ferramentas permitiram recolher dados ricos e diversificados, fundamentais para a análise dos resultados.

A contextualização da intervenção educativa é também abordada de forma detalhada, com a caracterização da escola, das turmas envolvidas e do ambiente sociocultural onde as atividades foram implementadas. Este contexto é essencial para compreender as dinâmicas que influenciaram a receção e o impacto das estratégias pedagógicas utilizadas.

O relato da ação pedagógica desenvolvida constitui um núcleo central do relatório. Nele, são descritas em detalhe as atividades realizadas, desde os jogos didáticos, como o Jogo da Glória, até às aulas temáticas que abordaram tópicos fundamentais como a Lenda da Europa, o Feudalismo, o Iluminismo e a Expansão Marítima. Estas práticas tiveram como objetivo não só transmitir conhecimento, mas também estimular o envolvimento ativo dos alunos na construção de significados históricos e geográficos.

A análise e discussão dos inquéritos aplicados aos alunos são apresentadas com o intuito de compreender o impacto efetivo das metodologias adotadas. Esta reflexão crítica

permitiu identificar progressos, desafios e áreas de melhoria, consolidando a ligação entre teoria e prática educativa.

Por fim, o relatório culmina com uma discussão dos resultados e as suas implicações pedagógicas, sublinhando a importância de práticas educativas que fomentem uma cidadania europeia informada e reflexiva. A reflexão final reforça o papel transformador do ensino da História na preparação dos alunos para interpretar os desafios do mundo contemporâneo à luz de um entendimento profundo das realidades históricas e geográficas.

Ao longo deste relatório, espera-se contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas inovadoras que valorizem a dimensão espaço-temporal no ensino da História, promovendo uma aprendizagem significativa e um envolvimento crítico por parte dos alunos. Este trabalho não apenas reflete sobre os desafios enfrentados no contexto específico dos Açores, mas também oferece perspetivas que podem enriquecer o debate sobre a educação histórica em contextos mais amplos.

Capítulo I – A realidade espaço-temporal europeia no ensino da História.

A perceção dos alunos sobre o espaço e o tempo europeus pode abranger uma ampla variedade de temas, incluindo perspetivas sociais, políticas, económicas e culturais, que estão profundamente ligadas à identidade europeia. Isto porque a forma como os alunos interpretam o espaço europeu não se restringe apenas à geografia, mas envolve também o entendimento de como diferentes culturas, valores e sistemas políticos moldaram o continente. Da mesma forma, o conceito de tempo reflete a evolução histórica que influencia a noção de pertença e identidade europeia. A interligação entre estas perspetivas permite aos alunos compreenderem como as mudanças sociais e económicas, os movimentos políticos e os intercâmbios culturais ao longo do tempo contribuíram para a construção de uma identidade europeia coletiva, enquanto reconhecem as diversidades regionais e nacionais dentro deste espaço.

Nesta questão da Identidade Europeia, autores como Delanty (2000) sugerem que a identidade europeia é uma questão complexa e em evolução. Alunos de diferentes países da União Europeia (U.E.) podem ter diferentes níveis de identificação com a Europa em comparação com as suas identidades nacionais. Alguns poder-se-ão identificar fortemente como europeus, enquanto outros podem enfatizar mais as identidades nacionais.

A percepção dos alunos em relação ao espaço europeu também pode estar ligada à mobilidade e à experiência de estudar ou trabalhar em diferentes países da U.E. por meio de programas como o Erasmus+. Estudantes que participam nestes programas muitas vezes demonstram um sentido mais forte de pertencimento e compreensão da diversidade cultural e social da U.E. Quando os estudantes participam em programas como o Erasmus+ têm a oportunidade de viver e estudar em países diferentes do seu, o que expande a sua experiência pessoal e cultural. Este contacto direto com novas culturas, línguas e formas de vida permite-lhes perceber a diversidade que existe dentro da União Europeia, mas também encontrar semelhanças nos valores comuns, como a cooperação, a democracia e os direitos humanos. Essa vivência em diferentes contextos europeus reforça o sentido de pertença ao espaço europeu como um todo, e não apenas à sua nação de origem.

A compreensão dos alunos sobre os valores, as políticas e as instituições da UE, como o Parlamento Europeu, a Comissão Europeia e o Conselho da União Europeia, pode variar em função do seu nível de exposição a estes temas e das experiências educativas que tiveram. Alunos que têm acesso a programas de educação cívica ou que participam em iniciativas como o Erasmus+ ou visitas ao Parlamento Europeu, por exemplo, tendem a ter uma maior familiaridade com o funcionamento das instituições da UE e os valores que as orientam, como a democracia, a solidariedade e os direitos humanos. Em contraste, aqueles com menos acesso a estas oportunidades podem ter uma compreensão mais limitada ou superficial, muitas vezes centrada em questões nacionais. Esta variação pode influenciar significativamente a forma como os alunos percebem o papel da UE nas suas vidas e o sentido de identidade europeia que desenvolvem. Alguns estudos feitos por Peterson (2012) destacam a necessidade de melhorar a educação para a cidadania europeia e a consciencialização sobre o funcionamento dessas instituições, de modo a promover uma participação cívica mais informada. Tais esforços são especialmente relevantes diante das preocupações e oportunidades enfrentadas pelos jovens, como emprego, mobilidade, segurança, mudanças climáticas e integração social. Nesse contexto, mais recentemente, em 2021, a *Eurofound* publicou um estudo sobre os impactos da pandemia na sociedade jovem europeia, apontando caminhos para mitigar desafios relacionados à educação e preparar os jovens para enfrentar essas questões de forma mais eficaz.

Atualmente, num contexto de globalização crescente e mobilidade, a percepção dos alunos sobre o espaço europeu reflete cada vez mais a diversidade cultural e étnica de

cada região. Com a presença de comunidades multiculturais em muitos países da UE, a aceitação da diversidade tornou-se um tema central nas discussões sobre identidade europeia. Essa diversidade cultural também coloca novos desafios e oportunidades em termos de educação e integração social, o que torna a aprendizagem ao longo da vida fundamental. Na União Europeia, em particular, o conceito de aprendizagem ao longo da vida tem sido incorporado em diversas estratégias educacionais e políticas de desenvolvimento. A educação inclusiva, a formação contínua e o desenvolvimento pessoal visam equipar os cidadãos com as competências necessárias para viver e trabalhar num ambiente multicultural, promovendo a coesão social e a valorização das diferenças culturais ao longo de toda a vida. Desta forma, a educação é vista não apenas como uma ferramenta de desenvolvimento profissional, mas também como um meio de fortalecer a compreensão e aceitação da diversidade, contribuindo para uma identidade europeia mais inclusiva. António Nóvoa (2021) reconhece que a educação é um processo contínuo que abrange todas as idades e fases da vida. O autor reflete sobre o conceito de *life long learning* e sobre a implementação do conceito de aprendizagem ao longo da vida, bem como as suas implicações nas políticas educacionais, especialmente na União Europeia.

Neste contexto, o ensino da História desempenha um papel fundamental na compreensão e na abordagem da diversidade e da identidade europeia. Hobsbawm (1990) realça a importância de como as nações modernas se formaram e como o nacionalismo se tornou uma força poderosa na política mundial, pois a Europa resulta não só da complexidade social, mas também das dinâmicas temporais. Este autor examina o surgimento das identidades nacionais, a construção de narrativas históricas e culturais que sustentam essas identidades, e como esses processos moldaram o curso da História Mundial. Ao olhar para a História, é possível identificar os padrões de migração, interação cultural e intercâmbio que moldaram a paisagem cultural europeia, bem como reconhecer os impactos de eventos históricos significativos, como conflitos, migrações em massa, colonização, guerras e globalização, na formação das identidades e da diversidade cultural na Europa. Compreender como esses eventos moldaram as dinâmicas sociais e culturais permite uma análise mais profunda das origens dos preconceitos, estereótipos e desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades diversas na Europa.

Neste sentido, Hirst (2019) entende a Europa como uma entidade histórica com identidade própria, destacando o impacto de diferentes períodos e transformações no desenvolvimento europeu, e isso é crucial no ensino da História, pois permite aos alunos compreenderem a Europa não apenas como um conjunto de países geograficamente

próximos, mas como um espaço que compartilha raízes culturais, políticas e sociais que se desenvolveram através de interações contínuas ao longo dos séculos.

No ensino da História, o conceito de temporalidade é essencial, daí aceitar as balizas temporais que dividem a história europeia: Antiguidade Clássica, Idade Média, Renascimento, Revoluções e Guerras Mundiais, a divisão temporal mencionada por Hirst (2019) refere-se a uma organização da história europeia em grandes períodos que ajudam a entender as transformações ao longo do tempo. Esta divisão permite aos alunos apreenderem como o tempo histórico não é apenas linear, mas repleto de avanços e retrocessos, com eventos e ideias que moldaram e influenciam o futuro. O ensino deve sublinhar essas transições, como, por exemplo, a queda do Império Romano e o surgimento dos Estados-nação, como marcos temporais que moldam a realidade atual da Europa.

Outro ponto abordado por Hirst (2019), que pode enriquecer o ensino da História, é o papel da geografia na formação da Europa. As fronteiras naturais (como rios e montanhas) e a proximidade dos mares (Mediterrâneo, Atlântico e Báltico) moldaram as interações entre povos, facilitando ou limitando trocas culturais, económicas e políticas. A geografia, portanto, não deve ser vista apenas como um pano de fundo estático, mas como um fator ativo que condiciona os eventos históricos.

Hirst (2019) destaca o intercâmbio cultural que permeia toda a história europeia. Desde a filosofia grega e o direito romano, passando pela cristianização do continente e pelo Renascimento, até os movimentos da Revolução Industrial, a Europa sempre foi um espaço de circulação de ideias. Para o ensino da História, isso implica sublinhar como a Europa foi moldada pela diversidade e pelo contato com o “outro”, permitindo aos alunos compreenderem a Europa como um espaço de pluralidade. Este autor sugere que a História Europeia tem lições importantes para o mundo. No contexto educativo, isso pode ser usado para discutir a importância de ensinar História Europeia não apenas para entender o passado, mas para preparar os alunos para serem cidadãos globais. A Europa é vista como um microcosmo de conflitos, avanços e retrocessos que espelham as dinâmicas globais.

Além disso, a História oferece lições importantes sobre os efeitos de políticas discriminatórias e de exclusão social no passado. Ao examinar os erros e sucessos do passado, os países europeus podem aprender com as suas experiências para informar políticas e abordagens mais inclusivas no presente e no futuro.

A consciência histórica também pode desempenhar um papel importante na promoção do diálogo intercultural e na construção de uma memória coletiva que reconheça e respeite a diversidade europeia, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento de uma cidadania ativa e informada. Ao destacar as contribuições de diferentes culturas e comunidades para o desenvolvimento de uma Europa dinâmica e evolutiva, a história pode promover uma apreciação mais profunda da riqueza cultural do continente e fortalecer o sentimento de pertença compartilhado.

1. Percepção Espaço-temporal na Educação

A percepção espaço-temporal refere-se à capacidade de compreender e organizar informações relativas ao espaço e ao tempo. Este conceito é essencial em diversas áreas da educação, pois influencia a maneira como os alunos interpretam, processam e aplicam conhecimentos em diferentes contextos. A percepção espaço-temporal engloba duas dimensões principais: a percepção espacial, que se relaciona à habilidade de reconhecer e compreender a disposição e as relações entre objetos no espaço, incluindo a capacidade de navegar e visualizar formas, tamanhos, distâncias e direções, e a percepção temporal, que se refere à capacidade de compreender e organizar eventos no tempo, de que faz parte a sequência, duração e intervalos temporais.

O desenvolvimento da percepção espaço-temporal começa na infância (Piaget, 1975) e continua a aperfeiçoar-se ao longo da vida. As experiências sensoriais e motoras precoces são fundamentais para o desenvolvimento dessas habilidades. A interação com o ambiente físico e social, através de atividades como brincar, explorar e participar em jogos, contribui significativamente para a maturação desta percepção.

A percepção espaço-temporal tem implicações importantes em várias áreas educacionais. Na matemática e na geometria, por exemplo, as habilidades espaciais são essenciais para a compreensão de conceitos geométricos, como formas, ângulos, áreas e volumes, e para a resolução de problemas matemáticos complexos que envolvem múltiplas etapas. Na leitura e escrita, a organização espacial é crucial para o reconhecimento de letras, palavras e frases no espaço da página, enquanto o sequenciamento temporal é fundamental para a compreensão da sequência de eventos em uma narrativa. A compreensão de mapas, gráficos e diagramas é abordada em textos de didática das ciências, por exemplo. Autores portugueses que trabalham com a educação científica, como Carlos Fiolhais (2017) ou publicações da Fundação Calouste Gulbenkian na área de ciência para jovens, podem fornecer fundamentos para discutir como a

percepção espácio-temporal contribui para o entendimento de dados científicos. Na educação física e artes, as habilidades espácio-temporais são essenciais para atividades físicas que requerem precisão e timing (Sérgio,1981), bem como para a disposição espacial de elementos visuais na arte e a compreensão de ritmos e tempos na música (Read, 2001).

A percepção espácio-temporal é particularmente relevante na disciplina de História, pois envolve a compreensão de eventos ao longo do tempo e em diferentes locais geográficos, os alunos devem ser capazes de situar eventos históricos num contexto temporal e espacial adequado para entender a sequência e a interconexão dos acontecimentos.

Segundo José Mattoso (1989), a História não é apenas o relato de acontecimentos isolados, mas uma rede de interconexões temporais e espaciais que moldam as identidades e os valores culturais de uma sociedade. Na sua obra *Identificação de um País: Ensaio sobre as Origens de Portugal*, Mattoso explica como os elementos espácio-temporais foram fundamentais para a formação da identidade portuguesa, discutindo o modo como o território, a cultura e a cronologia histórica contribuíram para o surgimento de uma nação coesa. Para ele, a compreensão histórica requer que os alunos desenvolvam uma noção clara de continuidade e mudança ao longo do tempo, bem como das relações entre diferentes regiões e povos.

Na disciplina de história, a percepção espácio-temporal refere-se à habilidade de compreender a cronologia dos eventos históricos e a sua localização geográfica. Esta percepção é essencial para construir uma narrativa coerente dos acontecimentos passados e entender as relações de causa e efeito ao longo do tempo. O desenvolvimento da percepção espácio-temporal em História envolve a habilidade de organizar eventos através da construção e interpretação de linhas do tempo, ajudando os alunos a visualizar a sequência e a duração dos eventos históricos. Outra forma é a utilização de mapas para mostrar onde os eventos ocorreram e como as fronteiras e territórios mudaram ao longo do tempo. Além disso, é fundamental situar eventos históricos dentro de contextos mais amplos, relacionando-os com outros acontecimentos contemporâneos.

Para desenvolver essas competências nos alunos, é importante utilizar ferramentas visuais como cronologias, mapas interativos e diagramas que ilustram a relação entre tempo e espaço.

Em "Ensinar História: As Teorias, As Práticas e a Formação de Professores" (Candeias, 2002), são abordados diversos aspetos do ensino de História, destacando a

importância da percepção temporal e espacial. Carvalho (2006), em "Didática da História", foca nas metodologias de ensino, discutindo como desenvolver essas habilidades nos alunos. Barca (2004), em "A Educação Histórica: Fundamentos Teóricos e Práticos", e Martins (2007), em "A Aprendizagem Histórica: Teorias e Métodos", exploram os fundamentos teóricos e práticos da educação histórica, enfatizando estratégias para ensinar cronologia e geografia histórica.

Para aprofundar o estudo sobre a percepção espaço-temporal na educação histórica, diversas fontes são recomendadas como Wineburg (2001) em "Historical Thinking and Other Unnatural Acts" procura explorar como os estudantes pensam historicamente e a importância da percepção temporal no ensino da História, Harris e Shear (2018) em "The Wiley International Handbook of History Teaching and Learning" abordam diferentes aspectos do ensino da História, incluindo a importância da compreensão espaço-temporal, Levstik e Barton (2015) em "Doing History: Investigating with Children in Elementary and Middle Schools" focam nas estratégias para ensinar História a crianças e adolescentes, incluindo o uso de ferramentas para desenvolver a percepção temporal e espacial.

Entre os artigos e capítulos de livros, destacam-se Drake e Nelson (2009) em "Engagement in Teaching History: Theory and Practices for Middle and Secondary Teachers", que discutem métodos para envolver os alunos no ensino da História, com ênfase na utilização de cronologias e mapas.

A percepção espaço-temporal é fundamental no ensino de História, pois permite que os alunos compreendam a sequência e a localização dos eventos históricos, relacionando-os a um contexto mais amplo. A bibliografia fornecida oferece recursos valiosos para educadores que desejam aprofundar seus conhecimentos e melhorar suas práticas de ensino nesta área.

2. História e Geografia da União Europeia no Currículo Escolar

A União Europeia (UE) é uma entidade política e econômica de grande importância cuja história e geografia são frequentemente incluídas nos currículos escolares dos países membros. No entanto, a forma e a ênfase com que a UE é abordada podem variar significativamente de um país para outro. Esta análise examina como diferentes países integram a história e a geografia da UE em seus currículos escolares, destacando semelhanças, diferenças e abordagens pedagógicas.

A maioria dos países membros inclui tópicos relacionados à União Europeia nos currículos de História e Geografia. Estes tópicos frequentemente abrangem a fundação e evolução da UE incluindo a criação das Comunidades Europeias, os tratados fundamentais como o Tratado de Roma, o Tratado de Maastricht e o Tratado de Lisboa e o processo de alargamento da União Europeia. Moga (2009), no artigo "The Contribution of the Lisbon Treaty to the Constitutionalization of the European Union", refere como o Tratado de Lisboa influenciou a estrutura constitucional da EU e oferece uma abordagem sobre as mudanças políticas e institucionais que ocorreram após a implementação do tratado, ajudando os professores a explicar as transformações recentes na governança europeia.

Além disso, os alunos estudam também as instituições da UE como o Parlamento Europeu, a Comissão Europeia, o Conselho da UE e o Tribunal de Justiça. A geografia política e económica é analisada com foco nos estados-membros nas regiões europeias e na diversidade cultural e económica. É ainda discutido o impacto da UE na cidadania europeia na livre circulação de pessoas bens e serviços e nas políticas comuns como agricultura e ambiente.

Maria Raquel Freire (2008), em "A União Europeia: História e Instituições", apresenta uma visão detalhada da história e das instituições da UE, com foco nas dinâmicas internas e externas que moldaram o bloco. Freire enfatiza a importância de compreender as relações entre os Estados-Membros e as instituições europeias, ajudando os alunos a reconhecerem a complexidade da estrutura institucional da UE.

O relatório do Conselho da Europa sobre o ensino da História na Europa (1995) destaca a importância de integrar uma dimensão europeia nos currículos de História dos países membros, procurando analisar como os sistemas educativos de diferentes países abordam a história da Europa e da União Europeia.

Na Alemanha, a educação sobre a União Europeia é integrada desde os primeiros anos do ensino secundário com uma abordagem interdisciplinar que combina História Geografia e Educação Cívica. O foco está em entender a UE como um projeto de paz e cooperação com uma ênfase particular no papel da Alemanha dentro da UE. Os currículos estaduais podem variar, mas geralmente, incluem estudos detalhados dos tratados da UE nas instituições e o impacto da política europeia no país.

A França incorpora a UE no currículo de História e Geografia desde o ensino básico sendo parte integrante dos cursos de Educação Moral e Cívica (EMC). Os alunos estudam a evolução histórica da União os seus valores fundamentais e o funcionamento das suas

instituições. Há também um enfoque na relação da França com a EU destacando a contribuição francesa para a construção europeia e os benefícios da adesão.

Em Itália, a história e a geografia da UE são ensinadas principalmente no ensino secundário com ênfase na história da integração europeia desde o pós-Segunda Guerra Mundial e o processo de unificação europeia. Os alunos aprendem sobre os principais tratados as instituições da UE e o papel da Itália na União. A geografia da UE é integrada no estudo das regiões europeias enfatizando as diferenças económicas e culturais.

Na Polónia, a UE é abordada tanto no ensino básico quanto no secundário, com um enfoque crescente à medida que os alunos progridem. O currículo inclui a história da integração europeia a estrutura institucional da UE e as políticas europeias. O ensino da geografia da UE destaca a diversidade regional e as características económicas dos estados-membros. A educação cívica aborda questões de cidadania europeia e o impacto da adesão da Polónia à UE.

Em Espanha, a União Europeia é abordada a partir do ensino primário, com maior detalhe no ensino secundário. O currículo de História inclui a evolução da integração europeia os principais tratados e as instituições da UE. Em Geografia os alunos estudam a configuração territorial da Europa as diferentes regiões e as políticas de coesão. Há também uma forte ênfase na importância da UE para a Espanha incluindo os benefícios económicos e sociais da adesão.

Em Portugal, a integração da história e geografia da União Europeia nos currículos escolares é bem estruturada e ocorre tanto no ensino básico quanto no secundário. Desde os primeiros anos de escolaridade, os alunos são introduzidos aos conceitos básicos sobre a Europa e a União Europeia, com um foco progressivo em tópicos mais complexos à medida que avançam nos estudos.

No 3º ciclo do ensino básico (7º ao 9º ano), os currículos de História e Geografia de Portugal e de Educação para a Cidadania incluem conteúdos sobre a história da integração europeia, os principais tratados fundadores da União Europeia as instituições que a compõem, como o Parlamento Europeu, a Comissão Europeia e o Conselho da União Europeia. Os alunos exploram também o impacto da adesão de Portugal à UE, incluindo as mudanças económicas, sociais e políticas decorrentes dessa integração.

No ensino secundário (10º ao 12º ano), os currículos de História e Geografia aprofundam ainda mais a análise da União Europeia. Os alunos estudam a evolução histórica da UE desde a sua criação, os processos de alargamento e as políticas comuns, como a Política Agrícola Comum (P.A.C.) e a Política de Coesão. Em Geografia, há um

foco na análise das disparidades regionais dentro da UE, os desafios económicos e ambientais, e as políticas de desenvolvimento sustentável.

Além das disciplinas específicas, a Educação para a Cidadania, que é transversal a várias disciplinas, inclui módulos sobre cidadania europeia, direitos e deveres dos cidadãos europeus e o funcionamento das instituições da UE. Esta abordagem visa não apenas informar, mas também fomentar uma consciência crítica e participativa sobre o papel de Portugal na União Europeia e os benefícios e desafios dessa integração.

O estudo da História e da Geografia da Europa é um componente essencial do currículo escolar português, especialmente no Ensino Básico, nos 7.º e 8.º anos de escolaridade. Nessas disciplinas, os alunos exploram conteúdos que os ajudam a desenvolver uma compreensão crítica e integrada sobre a evolução histórica e geográfica do continente europeu. Este processo é fundamental para a formação da perceção espaço-temporal dos alunos, ou seja, a capacidade de compreender a Europa tanto em termos de transformações ao longo do tempo quanto nas suas diversas configurações espaciais.

A integração dos conteúdos históricos e geográficos sobre a Europa no currículo de História e Geografia para o 7.º e 8.º ano visa fornecer uma base sólida de conhecimento, que capacita os alunos para entenderem as inter-relações complexas que moldam o continente europeu. Esta aprendizagem não só prepara os estudantes para o exame final de ciclo, mas também para a cidadania ativa, permitindo-lhes adquirir uma visão ampla das dinâmicas históricas e geográficas que influenciam o continente.

O currículo do Ensino Básico em Portugal, particularmente nas disciplinas de História e Geografia, é estruturado em torno de Aprendizagens Essenciais (Ministério da Educação, 2018), que definem os conteúdos e competências que os alunos devem dominar em cada ciclo de estudos. Através desses programas, os alunos desenvolvem a capacidade de interpretar, analisar e contextualizar a evolução histórica e geográfica da Europa.

O estudo da História e da Geografia da Europa é um componente essencial do currículo escolar português, especialmente no Ensino Básico, nos 7.º e 8.º anos de escolaridade. Nessas disciplinas, os alunos são expostos a conteúdos que os ajudam a desenvolver uma compreensão crítica e integrada sobre a evolução histórica e geográfica do continente europeu. Este processo é fundamental para a formação da perceção espaço-temporal dos alunos, ou seja, a capacidade de compreender a Europa tanto em termos de transformações ao longo do tempo quanto nas suas diversas configurações espaciais.

A integração dos conteúdos históricos e geográficos sobre a Europa no currículo de História e Geografia para o 7.º e 8.º ano visa fornecer uma base sólida de conhecimento, que capacita os alunos para entenderem as inter-relações complexas que moldam o continente europeu.

A forma como a História e a Geografia da Europa são abordadas no currículo dos 7.º e 8.º anos contribui significativamente para o desenvolvimento da perceção espaço-temporal dos alunos. Ao longo destes dois anos, os estudantes são desafiados a refletir sobre a transformação do continente europeu ao longo do tempo, conectando os eventos históricos às mudanças geográficas e sociais.

O ensino da História e Geografia da Europa no 7.º e 8.º ano do Ensino Básico em Portugal é uma peça fundamental na construção da perceção espaço-temporal dos alunos. Através do estudo das grandes transformações históricas e geográficas do continente, os alunos são capazes de desenvolver uma compreensão crítica da evolução da Europa e do seu papel no mundo contemporâneo.

Este conhecimento é crucial não só para o sucesso escolar, mas também para a formação de cidadãos informados e ativos, que compreendem a interdependência das nações europeias e o lugar de Portugal no contexto europeu e global. Assim, o currículo escolar desempenha um papel vital na promoção da cidadania europeia e na preparação dos alunos para os desafios do mundo atual.

No 7.º ano, o foco da disciplina de História está nas transformações da Europa, desde a Antiguidade até à Idade Média. Esta abordagem permite que os alunos compreendam as raízes históricas do continente europeu e as forças que moldaram a sua estrutura política, social e cultural. O estudo da queda do Império Romano, seguido pela formação dos reinos medievais e pela cristianização da Europa, apresenta-se como fundamental para a compreensão da formação das primeiras entidades políticas que comporiam a Europa moderna (Ribeiro & Rodrigues, 2015).

Os alunos também aprendem sobre a unidade cristã da Europa durante a Idade Média, abordando temas como o papel da Igreja Católica na formação da identidade europeia e a construção das bases para a futura interação entre as nações europeias.

No 8.º ano de escolaridade, o currículo de História concentra-se em três grandes áreas de estudo, que cobrem os eventos e transformações chave desde o final do Antigo Regime até à Revolução Industrial, com um enfoque no século XIX. O objetivo é proporcionar aos alunos uma compreensão profunda das transformações políticas, sociais, económicas

e culturais que moldaram o mundo contemporâneo, com destaque para o impacto dessas mudanças na Europa e no mundo.

Na disciplina de Geografia, no 7.º ano, explora as características físicas e humanas do continente europeu, permitindo aos alunos desenvolver uma percepção clara da diversidade geográfica da Europa. Os temas abordam o relevo, os climas, as bacias hidrográficas e os recursos naturais, proporcionando uma base sólida para a compreensão das relações entre o meio físico e as atividades humanas.

A diversidade climática e morfológica da Europa é explorada com o intuito de demonstrar como essas características influenciam a distribuição populacional e as atividades económicas nas diferentes regiões do continente. Ao estudar a distribuição da população, os alunos são desafiados a refletir sobre as densidades populacionais e os padrões de urbanização, compreendendo a interligação entre geografia física e sociedade (Fonseca, 2017).

No 8.º ano, o estudo geográfico concentra-se nas dinâmicas económicas e sociais da Europa, com um foco especial nas atividades económicas que caracterizam o continente, como a agricultura, a indústria e os serviços. Os alunos analisam as políticas económicas da União Europeia, como a Política Agrícola Comum (P.A.C.), e refletem sobre os desafios que surgem da interdependência entre as nações europeias (Gomes, 2020).

Outro aspeto relevante é o estudo das redes de transportes europeias, que facilitam a mobilidade de pessoas e bens dentro do continente. A análise da infraestrutura de transportes transnacionais sublinha a importância da integração regional para a coesão económica e social europeia. Através deste estudo, os alunos são encorajados a perceber como a Europa está interligada e como se posiciona no contexto global.

As metodologias utilizadas no ensino da História e Geografia da Europa são diversas e incluem o uso de fontes primárias, como documentos históricos, mapas, gráficos e estatísticas, que permitem aos alunos desenvolverem uma compreensão mais aprofundada e crítica dos conteúdos. A utilização de mapas, em particular, facilita a compreensão espacial e a conexão entre os eventos históricos e as suas localizações geográficas.

Atividades práticas, como a elaboração de projetos interdisciplinares, são incentivadas para integrar as disciplinas de História e Geografia, promovendo uma aprendizagem mais ativa e participativa (Silva, 2018). Essa abordagem interdisciplinar é fundamental para que os alunos compreendam a complexidade das questões europeias e percebam a inter-relação entre o tempo histórico e o espaço geográfico.

Em resumo, em Portugal, a educação sobre a União Europeia é abrangente e progressiva, começando com noções básicas no ensino básico e avançando para análises mais complexas e críticas no ensino secundário. Esta abordagem visa garantir que os alunos compreendam plenamente a importância da UE, suas instituições e o impacto da adesão de Portugal, preparando-os para serem cidadãos informados e ativos na Europa contemporânea.

A integração da história e geografia da União Europeia nos currículos escolares varia significativamente entre os países membros refletindo contextos históricos políticos e culturais específicos. No entanto, há um consenso sobre a importância de educar os jovens sobre a EU, destacando a sua evolução histórica, as suas instituições e o seu impacto no quotidiano dos cidadãos. Essa educação visa promover uma compreensão aprofundada e um sentido de cidadania europeia entre os estudantes, preparando-os para participar ativamente no futuro da Europa.

Nos Açores, a integração da história e geografia da União Europeia nos currículos escolares enfrenta desafios únicos, refletindo a sua posição geográfica enquanto Região Ultraperiférica (RUP) da Europa. O reconhecimento dos Açores como uma RUP pela União Europeia implica condicionalismos específicos na vida dos estudantes, como a distância física dos centros de decisão europeia e o impacto limitado das políticas que são diretamente visíveis no dia a dia.

Essa realidade geográfica influencia a forma como os estudantes açorianos percebem a U.E., já que muitos se sentem mais afastados das questões políticas e institucionais que dominam o continente. No entanto, o papel da educação é crucial para mitigar essas percepções, e os currículos nas escolas açorianas têm trabalhado para aproximar os jovens da Europa através de clubes escolares e programas específicos, como o Clube Europeu ou a disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores (HGCA). Esses clubes e atividades extracurriculares incentivam os alunos a explorar e discutir temas europeus, promovendo a compreensão das políticas e da história da UE.

Além disso, a inclusão de disciplinas que abordam a posição geopolítica dos Açores e a sua relação com a União Europeia ajuda a esclarecer o papel estratégico da região dentro do bloco europeu. Embora a distância física e o isolamento possam criar uma sensação de desconexão, programas educativos como Erasmus+ e intercâmbios escolares facilitam o contato com outras regiões da Europa, proporcionando aos jovens açorianos experiências diretas com a diversidade cultural e as instituições europeias.

Embora os Açores enfrentem condicionalismos devido à sua posição enquanto Região Ultraperiférica, o sistema educativo tem vindo a integrar a história e a geografia europeias de forma a fortalecer a identidade europeia dos estudantes e prepará-los para participar no futuro da Europa.

No contexto da escola onde foi realizado o estágio pedagógico, o Clube Europeu desempenha um papel fundamental na promoção da cidadania europeia e na educação para os valores da União Europeia. O clube é uma iniciativa liderada pelo corpo docente e envolve ativamente os alunos em projetos e atividades que estimulam o entendimento sobre a Europa, a sua diversidade e a importância de uma identidade europeia partilhada.

Os Clubes Europeus representam uma estratégia educacional voltada para a promoção da cidadania europeia e da consciência cívica entre os jovens. A criação e disseminação desses clubes têm como base uma série de pressupostos pedagógicos e sociais, que se alinham aos objetivos da União Europeia em fomentar a integração, o entendimento cultural e a valorização dos direitos humanos e da democracia entre os seus cidadãos (Coelho, 2008). Ao promoverem uma compreensão prática da cidadania europeia e do funcionamento das instituições da UE, os Clubes Europeus buscam educar uma geração mais informada e ativa, incentivando os alunos a se tornarem cidadãos com uma visão mais ampla e crítica sobre a Europa (Costa, 2010).

Os Clubes Europeus partem de pressupostos pedagógicos sólidos sobre o papel da educação na formação cidadã. Primeiramente, assume-se que a educação para a cidadania europeia permite que os jovens desenvolvam um sentimento de pertença e responsabilidade perante a UE. Segundo Campos (2015), essa dimensão da cidadania europeia ultrapassa a simples noção de identidade, envolvendo também um entendimento prático dos direitos e deveres dos cidadãos no contexto europeu. Assim, ao compreenderem o funcionamento das instituições europeias e os direitos que lhes são garantidos, os jovens passam a entender a relevância da sua participação nas decisões e políticas que afetam o coletivo (Martins, 2012).

Outro pressuposto essencial é a valorização da diversidade e da identidade europeia. Como aponta Silva (2011), a UE é construída sobre a diversidade cultural, linguística e histórica dos seus Estados membros, e o entendimento dessa pluralidade é fundamental para o desenvolvimento da tolerância e do respeito mútuo. Em linha com essa ideia, os Clubes Europeus proporcionam aos jovens a oportunidade de compreender e valorizar as diferenças, promovendo, ao mesmo tempo, um sentimento de identidade comum e de solidariedade entre os povos europeus (Coelho, 2008).

Com base nesses pressupostos, os Clubes Europeus estabelecem uma série de objetivos que orientam as suas atividades. O primeiro objetivo é desenvolver a consciência europeia entre os jovens, incentivando-os a refletirem sobre o que significa ser europeu num contexto globalizado. Segundo Santos (2014), o desenvolvimento de uma consciência europeia é um processo que envolve a aprendizagem sobre a história da UE, as suas instituições, valores fundadores e políticas. Esse entendimento ajuda os jovens a verem a Europa não apenas como uma união política, mas como um projeto social e cultural que visa a promoção da paz e da prosperidade no continente.

Outro objetivo essencial é a promoção da cidadania ativa. Os Clubes Europeus encorajam os estudantes a se envolverem em temas sociais e políticos, tornando-se cidadãos mais informados e participativos. Segundo Costa (2010), a educação para a cidadania ativa não só enriquece a experiência educativa, mas também capacita os jovens a exercerem um papel transformador nas suas comunidades. A participação em atividades de debate e em projetos sociais, por exemplo, fortalece a compreensão sobre questões como democracia, igualdade e sustentabilidade, que são fundamentais para a UE (Campos, 2015).

Além disso, os Clubes Europeus procuram fortalecer o conhecimento sobre a União Europeia de forma prática e lúdica, através de atividades que promovam o entendimento da complexidade da UE e dos países membros. Segundo Coelho (2008), aprender sobre as diferentes culturas e tradições europeias reforça o respeito pela diversidade e o compromisso com os valores da UE.

Outro aspeto relevante é o incentivo a intercâmbios e à cooperação internacional, que proporciona aos jovens a oportunidade de interagir com colegas de outros países, enriquecendo a sua experiência cultural e prática de idiomas. Este tipo de atividade, segundo Martins (2012), amplia o repertório social e cultural dos jovens, incentivando a cooperação e a construção de pontes entre diferentes realidades europeias.

Por fim, os Clubes Europeus têm o objetivo de sensibilizar os jovens para os direitos humanos e para a inclusão social, temas centrais para a UE. Como apontado por Silva (2011), o ensino sobre os direitos humanos e a diversidade étnica e cultural promove o respeito e o entendimento entre os jovens, formando uma geração mais consciente e tolerante.

Para alcançar esses objetivos, os Clubes Europeus utilizam uma série de atividades que integram teoria e prática, permitindo que os alunos explorem os temas de maneira interativa e criativa. Uma das atividades centrais é a organização de palestras e sessões

informativas com especialistas em assuntos europeus, professores universitários e até membros do Parlamento Europeu. Estas palestras fornecem uma compreensão mais profunda sobre temas complexos, como políticas de migração, sustentabilidade e economia, enriquecendo o conhecimento dos alunos (Costa, 2010).

Os Clubes Europeus também costumam realizar a Semana Europeia, um evento temático com exposições, feiras culturais e apresentações sobre os países membros da UE. Esse tipo de atividade promove uma experiência imersiva, permitindo que os alunos experimentem a diversidade cultural da Europa e ampliem o seu entendimento sobre as diferentes culturas e idiomas (Campos, 2015).

Outro elemento importante é a realização de debates e simulações sobre questões contemporâneas. Por meio de simulações de sessões do Parlamento Europeu, os alunos aprendem sobre processos de negociação e tomam decisões sobre temas relevantes para a UE, desenvolvendo habilidades de argumentação, diplomacia e empatia (Santos, 2014).

Os Clubes Europeus também incentivam projetos de pesquisa em que os alunos podem explorar temas europeus em profundidade, como a história da UE ou a diversidade cultural. Esses projetos permitem que os estudantes se tornem protagonistas da sua aprendizagem, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico (Martins, 2012).

A organização de intercâmbios com escolas de outros países europeus é outra atividade de destaque. Estes intercâmbios proporcionam um contato direto com a cultura e os idiomas de outros países, promovendo a compreensão intercultural e o respeito à diversidade (Silva, 2011).

Por fim, muitos Clubes Europeus organizam visitas de estudo a instituições europeias, como o Parlamento Europeu e a Comissão Europeia, oferecendo uma experiência de imersão que ajuda os alunos a compreenderem na prática o funcionamento dessas instituições e a importância da sua contribuição para a sociedade (Costa, 2010).

Em suma, os Clubes Europeus desempenham um papel relevante na educação para a cidadania europeia, proporcionando uma formação integral que contribui para a criação de uma geração de cidadãos europeus mais conscientes, críticos e participativos. Através de atividades práticas, esses clubes permitem que os jovens compreendam os valores e objetivos da União Europeia e se sintam parte ativa deste projeto, fomentando o ideal de uma Europa unida e inclusiva (Campos, 2015; Coelho, 2008).

3. Fatores que Influenciam a Percepção dos Alunos

Os media desempenham um papel central na formação das opiniões dos alunos sobre a UE. Claudia Kaiser e Hajo G. Boomgaarden (2011), nos seus estudos sobre a cobertura

mediática da UE, sugerem que a forma como os media retrata a União Europeia pode ter um impacto significativo nas atitudes dos cidadãos, especialmente entre os jovens. A forma como a UE é retratada na imprensa, seja em noticiários televisivos, jornais impressos ou plataformas online, pode moldar significativamente a visão dos jovens sobre a União Europeia. Uma cobertura frequente e positiva da UE pode criar uma imagem mais favorável, enquanto relatos negativos ou sensacionalistas podem levar a uma visão mais crítica. Além disso, os media têm se tornado uma fonte cada vez mais importante de informação para os jovens, e a disseminação de notícias falsas e desinformação pode distorcer ainda mais sua percepção sobre a UE. A desinformação nos meios de comunicação torna-se crucial na formação da percepção dos jovens em relação à União Europeia (UE). Ao distorcer a imagem da UE, a desinformação pode exagerar as suas falhas ou criar narrativas negativas que não refletem a realidade. Isso, por sua vez, pode levar os jovens a desenvolverem uma visão cética ou negativa da UE. Além disso, a propagação de estereótipos sobre a UE e seus países membros pode alimentar preconceitos e divisões, afetando a percepção dos jovens sobre a diversidade e união entre os países europeus. A desinformação também pode contribuir para a polarização das opiniões, apresentando visões extremas e desequilibradas sobre questões europeias, o que se torna um verdadeiro desafio para que os jovens formem opiniões equilibradas e informadas sobre a UE. Além disso, ao danificar a confiança nas instituições da UE, a desinformação pode tornar os jovens mais suscetíveis a teorias conspiratórias ou levá-los a se afastarem do envolvimento político e cívico. Para enfrentar esses desafios, é crucial capacitar os jovens para identificar e avaliar criticamente informações falsas e tendenciosas.

A cultura também tem um impacto importante na forma como os alunos veem a União Europeia. O conteúdo dos currículos escolares e a maneira como a história e a geografia da UE são ensinadas nas escolas podem influenciar a compreensão dos alunos sobre a integração europeia e a diversidade cultural do continente. Além disso, as experiências culturais individuais dos alunos, como participar em festivais internacionais ou interagir com pessoas de diferentes países da UE nas suas comunidades pode influenciar a sua identidade como europeus e a sua visão sobre o projeto europeu.

Por outro lado, as experiências pessoais dos alunos também tem importante influência na formação das suas percepções sobre a UE. Viagens ao exterior, participação em programas de intercâmbio estudantil como o Erasmus+ e o contato com pessoas de diferentes países da UE podem ampliar os horizontes dos alunos e proporcionar uma

compreensão mais profunda da diversidade e da unidade da Europa. Estas experiências pessoais podem contribuir para uma visão mais positiva e informada sobre a UE, aumentando o sentimento de pertencimento e identidade europeia entre os jovens. Disso é exemplo, a participação em projetos educativos de mobilidade internacional, em visitas de estudo ou participação em Clubes Europeus Escolares.

Finalmente, a tecnologia, especialmente a internet e as redes sociais, torna-se cada vez mais importante na forma como os alunos obtêm informações e interagem com o mundo ao seu redor. O acesso fácil e rápido à informação online pode aumentar o conhecimento dos alunos sobre a UE e permitir que eles participem em discussões e debates sobre questões europeias. No entanto, como já referimos anteriormente, a propagação de notícias falsas e desinformação online também pode distorcer sua percepção sobre a UE e semear a desconfiança em relação às instituições europeias.

4. Metodologias Utilizadas em Estudos Anteriores

Os estudos anteriores sobre a percepção dos alunos em relação à União Europeia (UE) adotaram uma variedade de abordagens metodológicas para capturar a complexidade desse fenómeno. Uma dessas abordagens é a utilização de questionários ou inquéritos, que oferecem uma visão geral das opiniões, conhecimentos e atitudes dos alunos em relação à UE. Esses instrumentos podem incluir perguntas fechadas para medir o conhecimento factual sobre a UE, bem como perguntas abertas para permitir que os alunos expressem suas opiniões de forma mais detalhada.

Além dos questionários, as entrevistas e grupos focais têm sido amplamente utilizados para explorar mais profundamente as percepções dos alunos. Essas técnicas qualitativas permitem uma compreensão mais rica e contextualizada das atitudes dos alunos em relação à UE, permitindo que expressem as suas experiências pessoais, valores e preocupações. As entrevistas individuais oferecem uma oportunidade para os pesquisadores explorarem perspectivas mais detalhadas e íntimas, enquanto os grupos focais incentivam a troca de ideias e experiências entre os participantes, muitas vezes revelando percepções que podem não surgir em entrevistas individuais.

Outra metodologia comum é a análise documental, que envolve a revisão sistemática de uma variedade de fontes, como currículos escolares, materiais didáticos, discursos políticos e notícias dos media, para entender como a UE é representada e discutida em diferentes contextos. Essa abordagem permite aos pesquisadores examinar de forma crítica como as informações sobre a UE são apresentadas aos alunos e como isso pode influenciar suas percepções e entendimentos.

Além disso, estudos longitudinais têm sido conduzidos para investigar mudanças nas percepções dos alunos ao longo do tempo. Esses estudos permitem que os investigadores acompanhem como eventos específicos, mudanças políticas ou experiências educacionais podem influenciar as atitudes dos alunos em relação à UE.

A análise de conteúdo tem sido amplamente empregue para estudar a comunicação sobre a União Europeia em diferentes meios, como notícias, redes sociais e materiais educacionais. Esse método permite aos pesquisadores categorizar e sistematizar informações, oferecendo diferentes percepções sobre padrões e tendências dominantes.

Em estudos sobre a comunicação da UE, Meyer (2009) também recorre à aplicação da análise de conteúdo para compreender a cobertura mediática das instituições da UE, enquanto autores como Triandafyllidou (2013) examinam como o discurso sobre a cidadania europeia e temas de integração são apresentados nas redes sociais e em textos educacionais.

No geral, a combinação dessas diferentes abordagens metodológicas oferece uma compreensão mais completa e multifacetada das percepções dos alunos sobre a UE, permitindo que os investigadores capturem a complexidade desse fenómeno na sua totalidade.

Capítulo II - Design metodológico do Relatório

Neste capítulo será apresentada a estrutura metodológica que fundamenta o desenvolvimento deste relatório de estágio. Serão discutidos aspetos como o tipo de pesquisa utilizada, as estratégias de recolha de dados, os critérios de análise, e as ferramentas utilizadas ao longo do estágio.

1. Objetivos

Compreender o espaço e o tempo europeu na educação é fundamental, pois permite uma visão mais abrangente e uma compreensão profunda das dinâmicas educacionais, sociais, culturais e políticas no continente europeu. Ao ensinar a realidade espaço-temporal no contexto europeu, os países podem promover a cooperação e a integração entre as nações europeias, fortalecendo os laços culturais, sociais e políticos. Esta abordagem é essencial para educar cidadãos informados, capazes de entender os desafios e as oportunidades do continente.

Considerando as Aprendizagens Essenciais (AE) nos 7º e 8º anos de escolaridade, onde predomina o estudo da realidade espaço-temporal europeia, este Relatório de Estágio teve como objetivos examinar a percepção dos alunos sobre essas realidades,

particularmente no ensino da História. O foco foi entender como os estudantes compreendem e relacionam os acontecimentos históricos e geográficos no contexto europeu. O ensino da História no 3º ciclo, centrado no desenvolvimento de competências de análise das dinâmicas territoriais e temporais da Europa, proporciona uma base sólida para a compreensão da formação das civilizações, da evolução dos Estados europeus e das transformações políticas e sociais que moldaram o continente.

Os principais objetivos deste relatório são:

- a) Conhecer o contexto escolar e os alunos das turmas do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário;
- b) Refletir sobre a importância do ensino da História para o conhecimento das diferentes realidades espaço temporais;
- c) Encorajar os alunos a realizar comparações entre diferentes períodos e regiões da Europa, destacando semelhanças e diferenças em termos de desenvolvimento político, social e cultural;
- d) Proporcionar um processo educativo em História que destaque a importância do tempo e do espaço europeus na consciencialização histórica;
- e) Incentivar a empatia histórica, permitindo que os alunos compreendam as experiências humanas por trás dos eventos, promovendo uma compreensão mais profunda das motivações e perspetivas das pessoas em diferentes épocas históricas;
- f) Conceder aos alunos um ambiente pedagógico-prático que favoreça o espírito crítico dos alunos sobre o percurso da Europa;
- g) Integrar tecnologias e recursos digitais para enriquecer a compreensão dos alunos, permitindo o acesso a materiais multimédia, arquivos históricos digitais e simulações interativas para contextualizar e visualizar as realidades espaço-temporais.

2. Metodologias

Este estudo realizou-se através de uma abordagem de investigação mista, ou seja, foram desenvolvidos métodos de investigação qualitativos e quantitativos. Para a concretização da parte qualitativa, recorreremos à elaboração de um diário de bordo e à observação direta. Por outro lado, foi elaborado um inquérito por questionário, conforme se adianta de seguida.

O inquérito por questionário é um dos métodos mais utilizados nas Ciências Sociais. Para a sua elaboração há que recorrer à seleção da amostra, a escala de atitudes,

análise de conteúdo, análise estatística, entre outros procedimentos (Ghiglione e Matalon, 2001). De acordo com Veal (2018), o questionário representa um método para obter dados dos inquiridos, assim como um meio para registar as respostas, obter dados sobre pessoas ou organizações e recolher opiniões sobre um número limitado de questões.

Passamos de seguida a relatar o procedimento da aplicação do questionário.

Antes de aplicar a versão final dos questionários, foi discutida uma versão preliminar a duas pessoas com características semelhantes da amostra, sendo depois aplicado a versão definitiva destes questionários na sequência dos reajustamentos.

Depois dos reajustamentos, foram seleccionadas duas turmas de uma unidade orgânica. Na unidade orgânica A, a turma um tem 21 alunos, a turma dois contém 18 alunos, na totalidade de 39 inquiridos.

O dia para aplicação dos questionários foi escolhido consoante o horário de cada turma, e a disponibilidade dos docentes responsáveis pelas turmas para aplicação dos questionários, também foi enviado um termo de consentimento a cada encarregado de educação dos alunos da unidade orgânica A. Após a autorização, procedeu-se à aplicação dos questionários.

Numa investigação que segue o formato de um questionário, a maioria das variáveis é medida a partir das perguntas presentes no questionário. Procurar-se-á alternar entre perguntas de resposta aberta e fechada. A maioria das perguntas fechadas apresentam vantagens e desvantagens, sendo que as vantagens incluem a facilidade de se analisar as respostas por meio de estatísticas. Nas desvantagens, salienta-se que as respostas são simplistas, de resposta restrita (Hill e Hill, 2002).

Foram aplicados dois questionários a cada aluno. O primeiro, anterior à realização de atividades ou de lecionação relacionados ao tema do relatório, e o segundo aplicou-se no fim do ano letivo, quando os conteúdos e as atividades foram aplicados, com o objetivo de analisar o antes e o depois e, de facto, definir a perceção dos alunos sobre realidades espaço temporais da Europa no ensino da História.

O questionário aplicado tem como objetivo explorar a perceção dos alunos sobre a realidade espaço-temporal da Europa no contexto do ensino da História. Este instrumento inclui uma série de perguntas que, além de obterem informações sobre os conhecimentos dos estudantes, também procuram captar as suas perceções sobre o ensino da História europeia.

Inicialmente, foram pedidas informações de caracterização pessoal, como a idade, o sexo e o ano de escolaridade. Estes dados demográficos são importantes para

contextualizar as respostas e compreender possíveis variações nas percepções entre diferentes grupos.

O questionário conta com 11 perguntas, predominantemente de múltipla escolha, o que facilita a análise das respostas de forma sistemática. Estas perguntas cobrem diferentes aspetos da compreensão histórica e geográfica dos alunos. Por exemplo, uma das questões pede para os estudantes avaliarem a sua compreensão geral da história europeia, oferecendo opções que vão desde "Excelente" a "Mínima". Outra pergunta avalia a capacidade dos alunos em localizar países europeus num mapa, medindo assim a sua percepção geográfica.

Há também perguntas que testam diretamente o conhecimento factual, como aquela que solicita aos alunos que mencionem três eventos históricos associados à Europa. Outras perguntas procuram perceber a percepção dos alunos sobre a eficácia do ensino da história europeia nas suas escolas, perguntando, por exemplo, se consideram o ensino "muito eficaz" ou "ineficaz". Isso permite avaliar a satisfação com o ensino ministrado.

Além de examinar o que os alunos já sabem, o questionário explora a relevância que os estudantes atribuem ao conhecimento da história europeia para compreender os desafios atuais. Também se investiga se os alunos utilizam recursos adicionais, como livros ou documentários, para aprender mais sobre a história europeia, e se percebem relações entre a história e outras disciplinas, como a geografia ou as ciências.

Por fim, há uma pergunta aberta onde os alunos podem sugerir alterações ao método de ensino da história europeia. Esta questão permite recolher *feedback* qualitativo sobre como os estudantes acreditam que o ensino pode ser melhorado, fornecendo valiosas sugestões para futuras adaptações curriculares. No geral, este questionário visa não só avaliar o conhecimento dos alunos sobre a Europa, mas também entender como eles percebem a eficácia do ensino e a importância deste conhecimento na sua formação geral

O segundo método utilizado neste estudo foi o diário de bordo. Este é fundamental para garantir que o processo de documentação seja eficaz e significativo. Ao estabelecer um diário de bordo, é crucial definir o seu propósito e objetivos específicos como:

1. Registo contínuo das atividades pedagógicas: Documentar diariamente as atividades realizadas em sala de aula, os métodos utilizados e as reações dos alunos;

2. Observação das percepções dos alunos: Anotar as percepções dos alunos sobre a compreensão de conceitos espaço-temporais, assim como as suas dificuldades e progressos na compreensão de eventos históricos e geográficos relacionados com a Europa;
3. Reflexão sobre a prática docente: O diário permite a reflexão sobre as abordagens pedagógicas adotadas e a sua eficácia na transmissão dos conteúdos. Serve como um instrumento para identificar pontos a melhorar no ensino e no engajamento dos alunos;
4. Avaliação das dinâmicas de ensino-aprendizagem: Facilita o acompanhamento das interações entre alunos e entre professor e alunos, observando como essas dinâmicas influenciam a assimilação dos conteúdos europeus e a percepção espaço-temporal.

Seja para acompanhar o progresso de um projeto, registrar experiências de aprendizagem ou capturar eventos importantes, Souza (2015) refere que:

O diário de bordo proporciona uma forma de construção particular do conhecimento, tornando-se uma ferramenta pedagógica, abrangendo não apenas conteúdos de caráter específico, mas as percepções, a subjetividade, experiências anteriores e adquiridas nas atividades. O diário de bordo proporciona uma autonomia na construção do conhecimento pelos alunos, admitindo uma visão reflexiva e crítica de suas vivências.

Além disso, a escolha do formato apropriado é uma parte crucial da metodologia. Decidir entre um diário de bordo físico tradicional, um formato digital ou uma plataforma *online* depende das preferências individuais e das necessidades específicas do projeto ou do contexto em que o diário de bordo está sendo usado.

O diário de bordo utilizado para este relatório foi em formato físico para facilitar o rápido e fácil acesso durante as aulas relativas ao tema do projeto (Espaço Europeu).

Foram descritas as atividades realizadas no âmbito do Clube Europeu, destacando-se a importância deste espaço educativo como promotor da cidadania ativa, do conhecimento intercultural e da compreensão dos valores europeus. As atividades utilizadas no âmbito do Clube Europeu foram escolhidas de forma a incentivar a participação ativa dos alunos, promovendo competências de pesquisa, debate, colaboração em grupo e reflexão crítica permitindo que os alunos não apenas adquiram

conhecimentos sobre o contexto europeu, mas também desenvolvam habilidades comunicativas e sociais, essenciais para o exercício da cidadania.

Além de simplesmente relatar eventos, é fundamental que um diário de bordo seja descritivo e reflexivo, ou seja, examinar porque e como certos eventos ocorreram, os desafios que foram enfrentados e que conclusões podemos retirar, auxiliando a avaliação do docente e oferecendo uma maior percepção do desenvolvimento do aluno.

A outra técnica de recolha de dados, como já foi referido, foi a observação direta: uma técnica de pesquisa utilizada em várias disciplinas, incluindo psicologia, antropologia, sociologia, biologia e muitas outras áreas das ciências sociais e naturais. Envolve a recolha de dados observando um fenómeno ou sujeito de interesse direto, sem a interferência de instrumentos ou técnicas complexas.

No campo da psicologia e das ciências sociais, a observação direta é frequentemente utilizada para estudar comportamentos humanos em ambientes naturais. Pode ser realizada de forma participante, na qual o observador se envolve diretamente na atividade observada, ou de forma não participante, onde o observador permanece como um observador externo. A observação direta é fundamental para a recolha de dados qualitativos detalhados, permitindo aos investigadores obter percepções mais ricas e contextuais sobre o comportamento humano e os processos sociais.

Barbara Rogoff (2003) utiliza a observação direta e refere-se à mesma para analisar a interação entre crianças e adultos em diferentes contextos culturais, a autora explora como os métodos de observação direta podem revelar os padrões culturais subjacentes ao desenvolvimento humano e às práticas educacionais.

O trabalho de investigação que levámos a cabo baseou-se na observação direta para o registo de atividades realizadas em aula, como os alunos reagem às mesmas, o seu interesse, empenho, participação e espírito crítico. Para além disso, ao observar diretamente o desempenho dos alunos ao longo do tempo, foi possível monitorizar o progresso individual e coletivo, identificar áreas de melhoria e ajustar as abordagens de ensino para melhor atender às necessidades de aprendizagem dos alunos.

3. Processo de aplicação dos questionários

O processo de criação de um questionário envolve várias etapas fundamentais. O primeiro passo é definir claramente os objetivos do questionário, ou seja, o propósito da recolha de dados. Por exemplo, poder-se-á querer medir o nível de satisfação dos alunos, avaliar o que aprenderam num determinado conteúdo ou compreender as suas

dificuldades num tema específico. Ter um objetivo bem delimitado garante que as perguntas sejam focadas e direcionadas para obter informações relevantes, sem desviar do assunto principal.

Após a definição dos objetivos, é necessário identificar o público-alvo do questionário. Neste caso específico, o questionário foi destinado a duas turmas de alunos: uma do 7º ano, com 20 alunos, e outra do 8º ano, com 18 alunos. Conhecer as características do público é fundamental, pois permite adaptar o conteúdo e o estilo das perguntas. Como o público são estudantes jovens, é crucial que a linguagem seja simples, clara e acessível, evitando termos técnicos ou complexos que poderiam confundir ou dificultar a compreensão. Na elaboração das perguntas, é essencial garantir que elas sejam claras, concisas e objetivas. Isso significa que as questões devem ser formuladas de forma a evitar ambiguidades e interpretações erradas, além de serem diretas e fáceis de entender. Um bom questionário deve incluir uma variedade de tipos de perguntas, como questões de múltipla escolha, perguntas abertas e escalas de classificação. Essa variedade permite capturar diferentes perspectivas e tipos de respostas, oferecendo uma visão mais completa sobre o tema investigado. Neste exemplo, o questionário foi composto por onze perguntas, o que é adequado para o público-alvo, garantindo que os alunos possam responder sem se sentirem sobrecarregados.

Além disso, a organização lógica das perguntas desempenha um papel importante no sucesso do questionário. É aconselhável começar com perguntas mais simples e progressivamente introduzir questões mais complexas, o que facilita o envolvimento dos alunos e mantém a fluidez das respostas. Isso ajuda a evitar que os alunos se sintam perdidos ou desmotivados logo no início. Uma vez que o questionário esteja finalizado, ele deve ser distribuído aos alunos de maneira apropriada. No caso de menores de idade, como os alunos do 7º e 8º ano, é importante obter a autorização dos encarregados de educação, garantindo que os responsáveis estão cientes e de acordo com a participação dos filhos. O tempo de aplicação do questionário também deve ser considerado; no exemplo mencionado, foi estipulado um tempo máximo de 10 minutos, o que foi cumprido, indicando que as perguntas estavam adaptadas ao nível dos alunos e permitiam respostas dentro do tempo proposto. Após a recolha dos questionários preenchidos, a fase seguinte é a análise e interpretação dos dados. O objetivo dessa etapa é identificar padrões e tendências relevantes, que podem fornecer perspectivas importantes sobre a percepção dos alunos em relação ao tema em questão. A análise criteriosa dos dados permitirá extrair

conclusões significativas, que poderão ser usadas para fundamentar decisões ou melhorar práticas pedagógicas.

4. Diário de Bordo

A elaboração de um diário de bordo tem como objetivo documentar e refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido ao longo do ano letivo, com foco na utilização de jogos didáticos e aulas temáticas como ferramentas pedagógicas inovadoras. Através dessas abordagens, pretende-se explorar de forma interativa e dinâmica temas relacionados à União Europeia (UE) e à dimensão espaço-temporal da Europa, promovendo uma aprendizagem mais envolvente e significativa para os alunos.

As aulas temáticas, por sua vez, desempenharam um papel essencial na exploração da Europa na sua evolução histórica, geográfica, política e cultural. Através dessas aulas, os alunos puderam compreender a diversidade e as transformações do continente europeu, promovendo uma visão crítica e contextualizada sobre o seu papel no cenário global. Este diário visa, assim, relatar as atividades realizadas, refletir sobre os desafios e sucessos da abordagem didática adotada e analisar o impacto dessas metodologias no desenvolvimento do conhecimento dos alunos sobre a Europa e a União Europeia.

4.1. Jogos didáticos

Os jogos didáticos são uma estratégia pedagógica eficaz para enriquecer o conhecimento dos alunos sobre a União Europeia (UE). Com base nas atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo, discutiremos como os jogos, por sua natureza interativa e prática, contribuem para uma aprendizagem mais ativa e significativa, estimulando a motivação e o envolvimento dos alunos. A aplicação de jogos de associação e de uma versão adaptada do tradicional *jogo da glória* permitiu que os estudantes explorassem, de maneira acessível e memorável, conceitos fundamentais sobre a UE, incluindo temas como a geografia, as línguas e as tradições culturais dos países membros.

Os jogos foram utilizados como estratégia para facilitar a compreensão de conceitos complexos e incentivar a participação ativa dos alunos. Ao longo do ano, foram implementadas sete atividades, incluindo jogos de associação e uma versão adaptada do jogo da glória, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a UE. Esses jogos estimularam a colaboração, a resolução de problemas e o pensamento crítico, tornando o processo de aprendizagem mais lúdico e motivador.

A utilização de jogos didáticos é uma estratégia eficaz para desenvolver o conhecimento dos alunos, pois oferecem uma abordagem prática e interativa que estimula uma aprendizagem mais ativa. Os jogos podem auxiliar os alunos a entender conceitos complexos, promover a resolução de problemas, melhorar habilidades de colaboração e aumentar a motivação na aprendizagem. Além disso, os jogos podem ser adaptados para atender às necessidades específicas de diferentes disciplinas e níveis de habilidade, tornando-os uma ferramenta versátil para os educadores.

O recurso a jogos didáticos pode contribuir significativamente para aumentar a percepção dos alunos sobre a União Europeia (UE) de várias maneiras. Os jogos permitem que os alunos experimentem situações relacionadas à UE de forma prática e envolvente, simplificando conceitos complexos e tornando-os mais acessíveis. Além disso, estes jogos didáticos promovem o pensamento crítico ao enfrentar desafios relacionados à UE, incentivam a colaboração e o diálogo entre os alunos, aumentando a motivação para aprender mais sobre a UE. Em resumo, os jogos didáticos oferecem uma abordagem interativa e estimulante para explorar os conceitos e desafios da UE, tornando a aprendizagem mais acessível e memorável para os alunos.

Neste contexto, foram desenvolvidas 7 atividades com os alunos ao longo do ano letivo, que consistem em jogos de associação e de um jogo da glória numa versão adaptada. Entre os exemplos, destacam-se a associação das bandeiras de cada país da UE com o nome do país, como a bandeira azul e amarela da Suécia, e a identificação das capitais dos países da UE. Além disso, os alunos participaram num jogo sobre as línguas faladas nos diferentes países, associando o espanhol à Espanha e o alemão à Alemanha. Por fim, houve uma atividade sobre as tradições culturais, onde os alunos associaram eventos típicos, como o *Oktoberfest* à Alemanha. Essas atividades visaram enriquecer o conhecimento sobre a diversidade europeia de maneira interativa e divertida.

4.2. Aulas temáticas

A importância das aulas temáticas que exploram a Europa e a sua dimensão espaço-temporal é fundamental por várias razões como:

1. **Desenvolvimento da Consciência Geográfica e Histórica:** Explorar a dimensão espaço-temporal da Europa ajuda os alunos a compreenderem a geografia e a história dos países europeus, identificando as suas localizações, fronteiras e principais eventos históricos.

2. **Compreensão da Diversidade Cultural e Linguística:** Através de aulas temáticas, os alunos entram em contato com a diversidade cultural e linguística da Europa, reconhecendo tradições, línguas e costumes únicos de cada país. Esta abordagem promove o respeito e a valorização das diferenças culturais, essenciais para a formação de uma cidadania europeia inclusiva.
3. **Estímulo ao Pensamento Crítico e Reflexão Histórica:** Explorar a dimensão espaço-temporal da Europa incentiva os alunos a analisar como os eventos passados influenciam a atualidade e a projetar possíveis futuros. Este processo contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão histórica, preparando-os para interpretar questões globais e europeias de forma mais informada.
4. **Fomento de uma Identidade Europeia:** As aulas que abordam a Europa e a sua dimensão espaço-temporal ajudam os alunos a desenvolver um sentido de pertença a uma comunidade europeia, valorizando tanto a sua identidade local quanto a europeia. Esse sentimento de pertença é essencial para formar cidadãos que se identifiquem com os valores de cooperação e paz que fundamentam a UE.

Capítulo III – O contexto da intervenção educativa

Neste capítulo, será apresentada uma caracterização detalhada do contexto em que se desenvolve a intervenção educativa, abrangendo tanto o meio envolvente quanto as particularidades da Escola.

Em seguida, o capítulo focar-se-á na estrutura organizacional da unidade orgânica escolar, descrevendo as suas instalações, recursos, e práticas inclusivas. Serão destacados os recursos pedagógicos e espaços de apoio ao ensino e à aprendizagem, que incluem áreas de estudo, bibliotecas e espaços destinados à integração escolar e à orientação psicológica. A oferta de atividades extracurriculares, como o Clube Europeu, o Eco Escolas e o Clube de Proteção Civil, será também analisada, evidenciando o papel desses clubes na promoção do desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

A última parte do capítulo consistirá numa caracterização das duas turmas envolvidas na intervenção, Turma A e Turma B. Para cada uma, será feita uma análise das

suas características únicas, das dinâmicas de grupo, das potencialidades e dos desafios educacionais, como a diversidade de idades, a presença de necessidades educativas especiais e as habilidades sociais e cognitivas dos alunos. Esta análise servirá como base para fundamentar as estratégias pedagógicas a serem adotadas e as adaptações necessárias para promover um ambiente inclusivo e de apoio ao desenvolvimento integral dos estudantes.

1. Caracterização do meio envolvente e da escola

O meio escolar onde se realizou o presente relatório de estágio é composto por uma unidade educacional que integra seis edifícios distribuídos por diferentes localidades, sendo um deles localizado a cerca de 30 quilómetros da escola principal. Neste estabelecimento central são acolhidas as turmas dos ciclos do Ensino Básico e Secundário, incluindo ainda programas de ensino profissional e de educação especial. As turmas do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo funcionam em edifícios históricos, distribuídos por várias freguesias.

A organização escolar é coordenada por uma entidade de gestão e delineada no Projeto Curricular de Escola, operando todos os seis edifícios em regime diurno. A escola principal dispõe de várias infraestruturas de apoio ao desenvolvimento educativo e extracurricular, como biblioteca, sala de estudo, pavilhão desportivo com balneários, cantina, bufete, sala de reuniões, salas para os Diretores de Turma, atendimento aos pais e encarregados de educação, além de espaços específicos para professores, departamentos curriculares, e iniciativas da associação de pais e do projeto de educação para a saúde. Outras instalações incluem papelaria, reprografia, gabinetes de informática, sala de arquivo, além de apoio à integração escolar e orientação psicológica.

Apesar do carácter rural e da distância geográfica em relação a centros urbanos maiores, esta unidade escolar proporciona um ambiente de ensino acolhedor e inclusivo, incentivando os alunos a atingirem o máximo do seu potencial académico, social e emocional. A escola conta com uma equipa de professores experientes e comprometidos com o sucesso dos alunos, prestando apoio adicional sempre que necessário. O ambiente educativo é inclusivo, promovendo a valorização e o respeito por cada aluno, com práticas que incentivam a diversidade e o suporte a estudantes com necessidades educativas especiais.

Complementando o currículo formal, a escola oferece uma ampla gama de atividades extracurriculares, previstas no Plano Anual de Atividades, que abrange modalidades como desporto, artes, música e clubes. Os clubes escolares desempenham um papel importante no desenvolvimento dos alunos, proporcionando um espaço onde eles podem explorar interesses pessoais, desenvolver habilidades, confiança e autoestima. Entre os clubes ativos, destacam-se o clube de proteção civil, o clube europeu e o programa Eco-Escolas.

Esses clubes são fundamentais para o desenvolvimento das competências sociais e emocionais dos alunos, oferecendo oportunidades para a prática da empatia, cooperação e construção de relacionamentos significativos. Além disso, contribuem para o fortalecimento de habilidades de liderança e responsabilidade, ao permitir que os alunos assumam papéis de organização, planeamento e resolução de problemas, preparando-os para enfrentar desafios e liderar com confiança.

2. Caracterização das turmas

2.1. Turma A

A turma A é uma turma do sétimo ano composta por vinte e um alunos (inicialmente 20), onze meninas e dez meninos, com idades compreendidas entre os onze e os doze anos.

Os alunos participam ativamente nas aulas, mostram curiosidade e interesse pelos conteúdos e atividades propostas. A turma é composta por uma variedade de habilidades, onde cada aluno tem a oportunidade de se destacar em diferentes áreas, seja em ciências, línguas ou desporto.

Os alunos são responsáveis e autónomos, mostrando compromisso com as suas tarefas escolares e desenvolvendo, gradualmente, a capacidade de aprender de forma independente. No geral, comportam-se de maneira respeitosa com os colegas e professores, mantendo atitudes positivas e educadas no quotidiano escolar. A disciplina e o foco são evidentes, com os alunos respeitando as regras da sala de aula e da escola.

O espírito de colaboração é forte entre os alunos, que trabalham bem em equipa, ajudando uns aos outros e compartilhando conhecimento e recursos. Os alunos demonstram empatia e solidariedade, compreendendo e respeitando os sentimentos dos outros e oferecendo apoio quando necessário. Além disso, os alunos possuem habilidades de resolução de conflitos, lidando com desentendimentos de maneira pacífica e construtiva, promovendo um ambiente harmonioso.

Os alunos têm autoconfiança e autoestima, possuindo uma boa percepção de si mesmos e confiando nas suas capacidades. Eles sentem-se valorizados e encorajados a participar ativamente nas atividades que lhes são propostas. A criatividade e a iniciativa são incentivadas, permitindo que os alunos pensem de forma inovadora e tomem a frente em projetos escolares e atividades extracurriculares. Eles também desenvolvem capacidade crítica e reflexiva, sendo capazes de analisar e refletir sobre diferentes assuntos e situações com profundidade.

2.2. Turma B

A Turma B é composta por dezoito alunos, sendo sete meninos e onze meninas, com idades variando entre doze e quinze anos. Embora apresente um ambiente diversificado e potencial para um bom desenvolvimento educacional, a turma enfrenta alguns desafios significativos que precisam de ser considerados para uma abordagem pedagógica eficaz.

A turma é diversa tanto em termos de género quanto de idade, o que pode proporcionar uma rica troca de experiências e perspetivas. No entanto, essa diversidade também exige estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas de cada faixa etária e género.

Quatro alunos apresentam dificuldades cognitivas acentuadas. Esses alunos podem necessitar de métodos de ensino diferenciados e adaptações curriculares para apoiar a sua aprendizagem. Dois alunos recebem apoio tutorial, o que indica que necessitam de acompanhamento adicional para acompanhar o ritmo da turma. Um aluno sofre de dislexia, uma condição que afeta a capacidade de leitura e escrita. Esse aluno pode se beneficiar de recursos específicos, como software de leitura assistida e estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem multissensorial.

A turma possui alunos que, por vezes, são perturbadores, o que pode afetar o ambiente de aprendizagem e a concentração dos demais. Esse comportamento perturbador requer estratégias de gestão de sala de aula eficazes, bem como a promoção de um ambiente de respeito e cooperação.

Apesar dos desafios, a Turma B tem várias potencialidades. A diversidade de género e idade pode ser utilizada como um recurso para enriquecer as discussões e atividades em sala de aula. A presença de alunos com apoio tutorial e necessidades especiais pode promover uma cultura de empatia e colaboração entre os alunos. A

superação dos desafios individuais pode ser usada como uma oportunidade para fortalecer a resiliência e a determinação de toda a turma.

A Turma B é um grupo com características e desafios únicos. Com uma abordagem pedagógica bem planeada e adaptada às necessidades dos alunos, é possível criar um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo que permita a todos os alunos alcançarem seu potencial máximo.

Capítulo IV – A Ação Pedagógica

Neste capítulo, abordaremos a ação pedagógica desenvolvida ao longo do ano letivo, com foco nas atividades práticas e nas aulas temáticas implementadas na escola deste estudo. Serão apresentados relatos detalhados de um diário de bordo que documenta cada uma das experiências educativas realizadas, destacando a metodologia aplicada.

Iniciaremos com uma descrição das atividades práticas, enfatizando a importância do envolvimento dos alunos em experiências concretas que reforçam o conhecimento adquirido. Serão discutidos os resultados observados, a participação dos alunos e o impacto das atividades na sua aprendizagem e desenvolvimento pessoal.

Além disso, a descrição das aulas temáticas visa explorar de forma interdisciplinar, ou seja, utilizando múltiplas áreas do conhecimento de forma integrada para abordar questões complexas de maneira mais profunda e significativa. Tópicos relevantes para a compreensão da Europa e da sua diversidade cultural, geográfica e histórica. Essas aulas proporcionam aos alunos uma abordagem ativa e participativa, estimulando a curiosidade e o interesse pela aprendizagem.

1. Diário de bordo- Atividades Práticas

1.1. Associação de imagens.

A primeira atividade estava dividida em duas fases. Numa primeira fase, os alunos procedem à visualização de um pequeno vídeo que mostrava alguns elementos característicos dos países da EU, como introdução à atividade prática que se seguia. A segunda fase consistia na afixação de um grande mapa que mostrava os diferentes países da Europa e pequenas imagens com elementos associados a cada país, todos estes materiais são de suporte físico, para garantir uma maior integração dos alunos à atividade, fazendo-os movimentar pela sala.

O mapa foi afixado no quadro, para que todos os alunos pudessem visualizar e na secretária estavam as diferentes imagens para que, à vez, cada aluno viesse à frente e escolhesse uma imagem e tentava associá-la ao respetivo país da UE. No início da atividade, os alunos mostraram-se interessados, embora alguns dos alunos admitissem de antemão que seria difícil associar quase todas as imagens, com exceção dos países ditos "mais conhecidos" como França, Espanha, Itália, Alemanha e Portugal. Mesmo assim, os alunos nunca se mostraram "derrotados" ao longo da atividade e quando tinham maior dificuldade em associar a imagem ao respetivo país pediam pistas que, na maior parte dos casos, lhes faria chegar à resposta certa muito rapidamente. No final, o feedback foi positivo. Os alunos para além de conseguirem terminar a tarefa com algum sucesso ficaram a conhecer alguns países que desconheciam e desejaram uma próxima atividade.

A atividade de "Associação de Imagens" foi recebida com entusiasmo e curiosidade pelos alunos, demonstrando-se uma abordagem eficaz para explorar e consolidar o conhecimento sobre os países da União Europeia. A divisão da atividade em duas fases — a visualização do vídeo e a associação das imagens ao mapa — foi uma escolha estratégica que preparou os alunos de forma gradual, mantendo-os envolvidos do início ao fim. A introdução visual através do vídeo forneceu um contexto rico e acessível, facilitando a transição para a fase prática, onde os alunos puderam aplicar o que aprenderam de maneira interativa e dinâmica.



Figura 1- Atividade associação de imagens

A reação inicial dos alunos, que expressaram preocupação com a dificuldade de associar as imagens aos países menos conhecidos, foi rapidamente superada pela disposição e pelo espírito colaborativo que emergiu ao longo da atividade. A movimentação pela sala e a interação com o mapa físico permitiram que os alunos se envolvessem de forma mais ativa, tornando a aprendizagem uma experiência mais concreta e memorável. Essa abordagem, que vai além do simples uso de materiais digitais, promoveu um ambiente de aprendizagem mais envolvente, no qual os alunos puderam explorar, discutir e experimentar, o que é essencial para a retenção de conhecimento.

Mesmo diante dos desafios, os alunos mostraram-se resilientes e persistentes, o que é um indicativo claro do impacto positivo da atividade. O fato de pedirem pistas e trabalharem juntos para chegar à resposta correta demonstra não apenas o seu interesse, mas também a eficácia da atividade em estimular o pensamento crítico e a resolução de problemas. Esta interação promoveu a aprendizagem e a criação de um bom ambiente na sala de aula.

O sucesso da atividade não se limitou à conclusão da tarefa, mas também se refletiu na expansão do conhecimento dos alunos sobre países que anteriormente lhes eram desconhecidos. O *feedback* positivo ao final da atividade, com os alunos expressando o desejo de participar em atividades similares no futuro, é um claro indicativo de que a metodologia utilizada foi bem-sucedida em captar o interesse e a motivação dos alunos. Essa vontade de continuar aprendendo é uma prova de que a atividade não só atingiu os seus objetivos educacionais, mas também despertou um interesse genuíno pela geografia e cultura europeia.

Além disso, o uso de um mapa físico e imagens para a associação ajudou a criar uma conexão mais profunda entre os alunos e o conteúdo, tornando a aprendizagem mais significativa. Esta abordagem prática, que estimula a movimentação e a interação com os materiais, contribuiu para uma melhor assimilação das informações e tornou a aula mais dinâmica e envolvente.

Em resumo, a atividade de "Associação de Imagens" foi um grande sucesso, promovendo a aprendizagem de maneira divertida e interativa. Os alunos não apenas adquiriram novos conhecimentos sobre os países da União Europeia, mas também desenvolveram habilidades importantes, como a cooperação, a resolução de problemas e o pensamento crítico. O entusiasmo demonstrado durante e após a atividade sugere que esse tipo de abordagem prática deve ser valorizada e integrada mais frequentemente no

currículo, pois tem o poder de transformar a aprendizagem numa experiência enriquecedora e prazerosa.

1.2.Jogo da Glória- Tradições dos diferentes países da UE

As tradições são fundamentais para moldar a cultura e a mentalidade de uma sociedade de maneiras profundas e multifacetadas. Atuam como veículos de transmissão de valores, refletindo as crenças, costumes e práticas que moldam as normas sociais e morais de uma comunidade ao longo do tempo. Além disso, as tradições desempenham um papel essencial na construção da identidade cultural, conectando as pessoas às suas raízes e origens, promovendo um sentimento de pertença e continuidade. Através de práticas coletivas e rituais compartilhados, as tradições também incentivam a cooperação e a coesão social, fazendo com que os indivíduos se sintam parte de algo maior, promovendo a solidariedade e a união. Outro aspecto crucial das tradições é a sua capacidade de preservar a memória histórica e transmitir a sabedoria acumulada ao longo do tempo, proporcionando um quadro de referência cultural que pode orientar as decisões diante de desafios e adversidades. Ainda dentro deste leque existem expressões criativas e artísticas, como música, dança, arte e artesanato, que não apenas preservam a herança cultural, mas também estimulam a inovação e a criatividade dentro de um contexto cultural específico. Assim, as tradições desempenham um papel vital na formação da cultura e da mentalidade de uma sociedade, transmitindo valores, fortalecendo a identidade, promovendo a coesão social, preservando a memória histórica e fomentando a expressão criativa, sendo uma parte essencial da herança cultural que deve ser valorizada e respeitada.

Assim sendo, recorreremos ao tradicional jogo da glória, partindo pelo princípio que é um jogo bastante conhecido e simples de jogar, é um jogo de tabuleiro, constituído pelos respetivos peões e dados. O jogo já tem incluído casas de azar que se mantiveram e casas de sorte que foram adaptadas para casas de perguntas/charadas sobre uma tradição de cada um dos países da UE, ou seja, este jogo de tabuleiro conta com um total de 27 cartas.

Como a turma onde a atividade foi aplicada é composta por 20 alunos, dividimos a turma em 4 grupos, cada grupo composto por 5 alunos, divididos por ordem numérica. Os alunos mostraram-se muito curiosos e entusiasmados por ser uma atividade diferente das anteriores. As novas tradições trouxeram alguns risos saudáveis e admiração, pois desconheciam grande parte das tradições, mesmo assim a competitividade entre colegas fez com que muitos dos alunos se esforçassem ao máximo para conseguir acertar no país

respetivo à tradição. No geral, a atividade correu bem, a turma não se dispersou, atingiram o objetivo (tivemos uma equipa vencedora) e aprenderam um pouco mais.

A implementação do "Jogo da Glória" como uma atividade pedagógica para explorar as tradições culturais dos países da União Europeia revelou-se uma abordagem extremamente eficaz e inovadora. Desde o início, os alunos demonstraram um interesse genuíno e um entusiasmo notável, o que evidencia que a escolha do jogo como ferramenta de ensino foi não só adequada, mas também altamente motivadora. A forma como a atividade foi conduzida, dividindo a turma em grupos e promovendo um ambiente competitivo saudável, contribuiu significativamente para manter o foco e o envolvimento de todos os participantes.

A reação positiva dos alunos, marcada por curiosidade e risos, é um claro indicativo de que a atividade conseguiu alcançar um equilíbrio perfeito entre aprendizagem e diversão. O uso do "Jogo da Glória", um formato que muitos alunos já conheciam e associavam ao lazer, transformou o processo de aprendizagem em algo acessível e agradável. Permitindo que eles se sentissem à vontade para explorar novas informações sobre tradições culturais, sem a pressão típica de métodos de ensino mais tradicionais. A surpresa e a admiração geradas pelo descobrimento de tradições desconhecidas não só enriqueceram o conhecimento cultural dos alunos, mas também estimularam discussões e reflexões, promovendo uma aprendizagem mais profunda e duradoura.

A estrutura do jogo, com as casas de sorte e azar adaptadas para incluir perguntas e charadas sobre tradições, proporcionou um elemento de desafio que incentivou os alunos a se esforçarem ao máximo. A competitividade natural que emergiu entre os grupos não só aumentou o nível de envolvimento, mas também serviu como um catalisador para a aprendizagem colaborativa. Os alunos, motivados pelo desejo de vencer, investiram tempo e energia em compreender melhor as tradições de cada país, o que resultou numa aprendizagem ativa e dinâmica.

O sucesso da atividade também se reflete na forma como os alunos conseguiram



Figura 2- Jogo da Glória- Tradições dos diferentes países da UE

permanecer focados e orientados para o objetivo final. A divisão em grupos promoveu a cooperação e a comunicação eficazes, ao mesmo tempo em que reforçou a importância do trabalho em equipa. A celebração de uma equipa vencedora ao final do jogo não só trouxe um senso de realização para os alunos, mas também fortaleceu o espírito de camaradagem e a apreciação pelo esforço coletivo.

Outro aspeto importante a destacar é como o "Jogo da Glória" foi capaz de introduzir os alunos a uma ampla gama de tradições culturais europeias, ampliando a sua perceção sobre a diversidade cultural dentro da União Europeia. Muitos dos alunos desconheciam várias dessas tradições, e a atividade funcionou como uma janela para novas realidades culturais, despertando o seu interesse por culturas além da sua própria.

Esta experiência de descoberta e aprendizagem coletiva é essencial para formar indivíduos com uma visão mais ampla e inclusiva do mundo.

Em síntese, o "Jogo da Glória" foi muito mais do que uma simples atividade de sala de aula; foi uma experiência de aprendizagem rica e envolvente que cativou os alunos, fomentando o espírito de equipa e ampliou o seu entendimento cultural. A receptividade calorosa e o entusiasmo demonstrados pelos alunos comprovam que o jogo não apenas atingiu os seus objetivos educacionais, mas também proporcionou um ambiente de aprendizagem prazeroso e eficaz. Este tipo de abordagem interativa e lúdica deve ser valorizada e incorporada com mais frequência no currículo escolar, pois tem o poder de transformar a aprendizagem numa aventura excitante e memorável.

1.3. Associação das bandeiras de cada país da EU e Capitais dos países da União Europeia.

Nesta atividade, os alunos com o auxílio de um mapa em suporte físico, tinham de corresponder as bandeiras a cada país da UE. Desta vez, os alunos denotaram um maior à vontade com a atividade e acertaram um maior número de bandeiras, sendo que, ainda existe uma grande dificuldade em reconhecer os pequenos países da europa central. Desenvolver uma atividade sobre as bandeiras dos países da União Europeia é fundamental por diversas razões educacionais e sociais. Em primeiro lugar, conhecer as bandeiras dos países da UE ajuda a ampliar o conhecimento sobre os Estados-membros, promovendo a educação cultural e geográfica. Cada bandeira tem um significado histórico e cultural específico, e estudar essas bandeiras proporciona insights valiosos sobre a história, a identidade e os valores de cada país. Além disso, essa atividade reforça o sentimento de união. A União Europeia é um exemplo de cooperação entre nações, e aprender sobre as bandeiras dos seus membros reforça o sentimento de pertença a uma comunidade maior, promovendo a solidariedade entre os países. Outro aspeto importante é a promoção da tolerância e do respeito. Conhecer e respeitar os símbolos nacionais de outros países promove a tolerância e a apreciação da diversidade cultural. Estudar as bandeiras dos países da UE pode despertar o interesse dos alunos pelos aspetos políticos, económicos e sociais da União Europeia, incentivando uma participação mais ativa e informada. Além disso, este tema pode ser facilmente integrado em várias disciplinas, como História, Geografia e Artes, tornando a aprendizagem interdisciplinar e mais enriquecedor. A integração curricular não só enriquece o conhecimento dos alunos, mas também promove valores de união, respeito e compreensão cultural, essenciais num mundo cada vez mais globalizado. Utilizando o mapa dos países da União Europeia,

exposto no quadro, os alunos teriam de à vez escolher um dos cartões que estavam virados ao contrário e associar a capital ao respetivo país da UE.

A implementação das atividades de "Associação das Bandeiras de cada país da UE" e "Capitais dos países da União Europeia" em sala de aula revelou-se uma metodologia eficaz para o ensino de História, geografia e cultura europeia, refletindo diretamente num maior envolvimento e sucesso dos alunos na compreensão dos conteúdos. A análise detalhada dessas atividades permite observar não apenas a reação positiva dos alunos, mas também o impacto duradouro que essas experiências pedagógicas interativas podem ter na formação de uma cidadania europeia consciente e integrada.



Figura 3- Associação das bandeiras de cada país da EU e Capitais dos países da União Europeia

Desde o início, a atividade de "Associação das Bandeiras" foi acolhida com entusiasmo pelos alunos, marcando uma evolução significativa na sua confiança e habilidade para identificar os símbolos nacionais dos Estados-Membros da União Europeia. Esta maior familiaridade e conforto ao lidar com as bandeiras de países europeus pode ser atribuída a várias sessões de atividades anteriores, nas quais os alunos já tiveram a oportunidade de interagir com mapas e outros materiais relacionados à geografia da Europa. A repetição de conceitos em diferentes formatos, como vídeos, mapas físicos e cartões, contribuiu para a internalização do conhecimento, tornando os

alunos mais seguros nas suas respostas e mais aptos a participar de forma ativa e colaborativa.

A persistência dos alunos, mesmo quando confrontados com bandeiras de países menos conhecidos, como os pequenos Estados da Europa Central, é um indicativo de que a atividade não só foi bem recebida, mas também despertou neles um desejo genuíno de aprender. O pedido de pistas quando enfrentavam dificuldades mostra que os alunos estavam envolvidos em resolver os desafios de forma autónoma, mas com apoio moderado do professor, indicando uma pedagogia centrada no aluno, onde o educador atua como facilitador da aprendizagem.

As atividades propostas não só ampliaram o conhecimento geográfico dos alunos, mas também desempenharam um papel crucial na promoção da educação cultural. Ao associar bandeiras e capitais aos respetivos países, os alunos foram expostos à diversidade de histórias, culturas e identidades que compõem a União Europeia. Cada bandeira e capital traz consigo um conjunto de significados históricos e culturais que, ao serem explorados em sala de aula, proporcionam perceções valiosas sobre os processos históricos, políticos e sociais que moldaram esses países.

Essa abordagem também reforça a importância de um currículo interdisciplinar, onde Geografia, História, e Cidadania se entrelaçam para proporcionar uma compreensão mais clara do mundo. A atividade das bandeiras, por exemplo, não só educa para geografia, mas também introduz os alunos a elementos de história e cultura, como os significados das cores e símbolos nas bandeiras, e como esses elementos refletem as lutas, conquistas e valores de cada nação. Da mesma forma, o estudo das capitais vai além da mera localização geográfica, permitindo discussões sobre a importância dessas cidades como centros políticos, económicos e culturais.

Um dos objetivos fundamentais da educação na União Europeia é promover um sentimento de pertença a uma comunidade maior, respeitando e valorizando a diversidade que caracteriza o continente. Através do conhecimento das bandeiras e capitais dos países membros, os alunos perceberam a UE não apenas como uma entidade política, mas como um mosaico de culturas interligadas. Este tipo de atividade contribui para a construção de uma identidade europeia comum, onde a diversidade é vista como uma força e não como um obstáculo.

A interação com símbolos nacionais de países europeus promoveu nos alunos um maior respeito e tolerância pela diversidade cultural, essencial para uma convivência pacífica e harmoniosa num contexto cada vez mais globalizado. Ao reconhecer as bandeiras e capitais de países com os quais podem não ter familiaridade, os alunos desenvolvem uma apreciação mais profunda sobre a complexidade e riqueza da herança europeia, o que, por sua vez, contribui para a formação de cidadãos mais informados e envolvidos.

Outro ponto de destaque foi o impacto positivo dessas atividades na motivação dos alunos. A estrutura interativa, na qual os alunos escolhiam cartões e associavam elementos visuais (bandeiras e capitais) a países no mapa, transformou o processo de aprendizagem numa experiência envolvente e divertida. Esse formato de aprendizagem ativa, em que os alunos são participantes diretos e não apenas receptores passivos de informações, provou ser eficaz para manter a atenção e interesse ao longo da atividade.

A motivação dos alunos foi ainda mais reforçada pela introdução de elementos de surpresa e desafio, como a escolha dos cartões virados ao contrário. Essa abordagem não só adicionou um elemento mais lúdico, mas também estimulou a curiosidade e o desejo de superar desafios, o que é fundamental para o desenvolvimento de habilidades como o pensamento crítico e a resolução de problemas. A conclusão bem-sucedida da tarefa, mesmo com as dificuldades iniciais, proporcionou aos alunos um senso de realização e competência, que é crucial para o desenvolvimento da autoconfiança e do interesse em aprender.

As atividades de "Associação das Bandeiras" e "Capitais" destacaram-se como exemplos de como temas geográficos podem ser integrados de maneira eficaz em diferentes áreas do currículo escolar. Além de fortalecerem o conhecimento geográfico, estas atividades também abordaram aspectos de história, cultura e até mesmo arte (ao considerar o design das bandeiras), proporcionando uma aprendizagem interdisciplinar enriquecedora. Esse tipo de integração curricular é essencial para desenvolver uma visão mais completa e interligada do mundo, onde os alunos não apenas acumulam informações, mas são incentivados a entender as conexões entre diferentes campos do saber.

Além disso, essas atividades contribuíram significativamente para o desenvolvimento de áreas de competência do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade

Obrigatória como a cooperação, comunicação, resolução de problemas e pensamento crítico. Ao trabalhar em grupo e compartilhar conhecimentos, os alunos aprenderam a valorizar as contribuições dos outros, a respeitar diferentes pontos de vista e a colaborar para atingir um objetivo comum. Essas competências são essenciais não só para o sucesso acadêmico, mas também para a vida em sociedade, especialmente em contexto europeu e global onde a cooperação entre culturas e nações é cada vez mais importante.

Em conclusão, as atividades de "Associação das Bandeiras" e "Capitais dos países da UE" demonstraram ser muito mais do que simples exercícios geográficos. Elas foram fundamentais para promover uma educação cultural e histórica integrada, fortalecer a identidade europeia entre os alunos, e desenvolver competências essenciais para a vida num mundo cada vez mais globalizado. A reação positiva dos alunos, o seu entusiasmo e progresso ao longo das atividades, são testemunhos do valor pedagógico dessas abordagens interativas e dinâmicas. Este tipo de metodologia não só enriquece a aprendizagem, mas também prepara os alunos para se tornarem cidadãos ativos, informados e respeitosos, prontos para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades de uma Europa unida na diversidade. Portanto, a inclusão contínua de atividades desse tipo no currículo escolar é essencial para promover uma educação que seja ao mesmo tempo rica em conteúdo e relevante para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

1.4. Línguas faladas nos diferentes países da União Europeia.

Na União Europeia, a diversidade linguística é uma característica marcante, refletindo a rica herança cultural do continente. Existem 24 línguas oficiais na UE, além de inúmeras línguas regionais e minoritárias. Esta diversidade linguística desempenha um papel crucial em vários aspetos da vida na União Europeia.

A União Europeia é um mosaico de culturas e línguas. Ao estudar as diferentes línguas faladas nos países da UE, os alunos são expostos a uma rica diversidade cultural. Isso promove a valorização e o respeito pelas diferenças, ajudando a combater preconceitos e estereótipos. A diversidade linguística é um reflexo da diversidade cultural, e entendê-la é fundamental para uma convivência harmoniosa num mundo globalizado.

Cada língua carrega consigo a história e a identidade de seu povo. Estudar as línguas europeias permite que os alunos compreendam melhor a história, as tradições e as transformações sociais de cada país. Por exemplo, a evolução das línguas pode refletir

períodos de colonização, imigração, unificação e independência. Isso ajuda os alunos a entenderem as complexas interações históricas que moldaram a Europa.

A União Europeia é um projeto de integração e cooperação entre países. Conhecer e respeitar as línguas dos países membros reforça o sentimento de unidade e coesão. Isso é essencial para a construção de uma identidade europeia comum, onde a diversidade é vista como uma força e não como um obstáculo. Atividades que promovem o entendimento linguístico podem fortalecer os laços entre os cidadãos dos diferentes Estados-Membros.

Nesta atividade, com auxílio de um mapa que ficou colocado no quadro da sala de aula, os alunos retiravam um cartão, à sorte, com uma língua e teriam de a associar ao respetivo país.

A atividade "Línguas faladas nos diferentes países da União Europeia" despertou um forte interesse e envolvimento por parte dos alunos, demonstrando-se uma forma eficaz de explorar a diversidade linguística e cultural da Europa. A utilização de um mapa no quadro, em conjunto com os cartões das diferentes línguas, criou um ambiente de aprendizagem visual e interativo que capturou a atenção da turma desde o início. Os alunos mostraram-se entusiasmados ao retirarem os cartões e tentarem associar as línguas aos respetivos países, o que não só estimulou a curiosidade, mas também promoveu uma experiência educativa dinâmica e participativa.



Figura 4- Atividade: Línguas faladas nos diferentes países da União Europeia

A reação positiva dos alunos foi evidente na forma como se envolveram na atividade. A interação com o mapa, apontando e discutindo as possíveis correspondências entre línguas e países, gerou debates produtivos e trocas de conhecimento entre os colegas. Este tipo de envolvimento colaborativo é fundamental, pois permite que os alunos aprendam uns com os outros, enquanto desenvolvem habilidades de comunicação e cooperação. Além disso, a sensação de descoberta ao associar corretamente uma língua a um país específico trouxe um sentimento de realização e motivação adicional para continuar participando.

O aspecto lúdico da atividade, aliado ao elemento de sorte ao retirar os cartões, tornou a aprendizagem das línguas europeias uma experiência divertida e desafiadora. Essa abordagem leve e descontraída ajudou a aliviar qualquer ansiedade que os alunos pudessem ter em relação ao tema, permitindo que explorassem as línguas com curiosidade genuína e sem medo de errar. Ao mesmo tempo, a atividade funcionou como uma

poderosa ferramenta de sensibilização cultural, pois ao conhecerem as línguas e os seus países de origem, os alunos começaram a valorizar mais a diversidade linguística da União Europeia e a compreender a riqueza cultural que ela representa.

A troca de informações sobre as línguas, muitas vezes desconhecidas para a maioria dos alunos, também gerou momentos de surpresa e admiração. Esses momentos foram cruciais para despertar o interesse por novas culturas e para combater preconceitos e estereótipos. Ao entender que cada língua carrega uma parte da história e da identidade de um povo, os alunos puderam refletir sobre a importância da diversidade e como ela contribui para a construção de uma identidade europeia comum.

2. Diário de Bordo- Aulas temáticas

2.1.Lenda da Europa.

A lenda de Europa, que remonta à mitologia grega², pode ser explorada em aulas de História do 7º ano de diversas maneiras, conectando-se aos conteúdos curriculares de maneira enriquecedora.

Esta lenda pode ser explorada nas aulas de história do 7º ano de várias maneiras:

1. Contexto Geográfico e Cultural: Os alunos podem aprender sobre a localização de Tiro, uma importante cidade fenícia, e sua relação com outras civilizações do Mediterrâneo antigo, como os gregos.
2. Mitologia Grega: Introduzir a mitologia grega permite que os alunos compreendam as crenças religiosas e as histórias que moldaram a visão de mundo dos antigos gregos.
3. Impacto de Zeus e dos Deuses na História: Discutir como as figuras mitológicas como Zeus influenciaram não apenas as histórias mitológicas, mas também as crenças e práticas culturais e religiosas da época.
4. Conexões com a Europa Antiga: A lenda de Europa pode ser um ponto de partida para explorar a história de Creta e a civilização minoica, que floresceu na Idade do Bronze, além das interações entre as culturas fenícia e grega.

² Segundo a mitologia grega, Europa era uma princesa fenícia de extrema beleza, filha de Agenor, rei de Tiro. A história relata que Zeus, o deus dos deuses, se apaixonou por Europa ao vê-la a brincar com as suas amigas à beira-mar. Para se aproximar dela, Zeus transformou-se num touro branco com chifres dourados, de aparência mansa e gentil. Impressionada com a beleza e a mansidão do animal, Europa aproximou-se e acabou montando o touro. Zeus, então, aproveitou a oportunidade e fugiu com ela, levando-a para Creta, onde revelou sua verdadeira identidade.

Nesta aula, utilizamos a lenda de Europa, figura mitológica grega, como base para a construção da percepção espaço-temporal dos alunos acerca da Europa. Através dessa narrativa mitológica, os alunos foram convidados a refletir sobre como as fronteiras, civilizações e interações culturais no Mediterrâneo antigo moldaram a concepção inicial da Europa enquanto entidade geográfica e cultural.

A lenda de Europa foi utilizada não apenas como uma narrativa isolada, mas como um meio de entender a expansão do conceito de Europa ao longo do tempo. Iniciei a aula apresentando a lenda de Zeus e Europa, destacando os principais elementos: o rapto de Europa, a transformação de Zeus em touro e o transporte da princesa para Creta. Com base nesses eventos, propus uma discussão sobre os diferentes significados geográficos e simbólicos da Europa na Antiguidade.

Para ajudar os alunos a se situarem espacialmente, começamos por localizar Tiro, cidade fenícia de onde Europa teria sido raptada, no mapa do Mediterrâneo Antigo. Os alunos puderam observar a relação dessa cidade com outras civilizações importantes, como a grega e a egípcia. Ao identificar estas localidades, fomentamos uma primeira reflexão sobre como os conceitos de fronteiras e espaços geográficos não eram fixos e estáveis, mas sim dinâmicos e moldados pelas interações culturais e comerciais.

Introduzimos o mito de Europa como uma maneira de compreender o imaginário grego sobre a origem da Europa. Os alunos refletiram sobre o simbolismo do rapto de Europa como um momento de transição, não apenas geográfico (da Fenícia para Creta), mas também cultural, onde a fusão de culturas fenícias, cretenses e gregas começava a delinear as primeiras concepções do que viria a ser o continente europeu.

A discussão evoluiu para a civilização minoica de Creta, na qual introduzimos conceitos de ocupação territorial e as influências culturais que moldaram a ilha. Através do estudo do Palácio de Cnossos e das evidências arqueológicas, os alunos puderam explorar como as interações comerciais e culturais com outras civilizações mediterrâneas influenciaram o espaço europeu. A análise destas influências permitiu aos alunos ampliar a sua percepção do espaço europeu para além das fronteiras gregas e fenícias, entendendo-o como um espaço de confluência.

Refletimos sobre a evolução do conceito de Europa ao longo do tempo, desde a lenda de Europa até a atualidade. Os alunos discutiram como a percepção do espaço europeu se modificou, passando de uma noção mitológica e regional para uma entidade geográfica

mais ampla. Essa abordagem ajudou a reforçar a compreensão temporal da Europa, demonstrando como os mitos e as histórias moldaram a identidade europeia ao longo dos séculos.

A receção dos alunos foi extremamente positiva. A abordagem narrativa da lenda de Europa gerou uma conexão imediata com o conteúdo, permitindo que compreendessem de forma intuitiva a evolução do espaço europeu. A localização de cidades antigas e a análise de mapas estimularam a sua perceção espacial, e os alunos demonstraram facilidade em identificar as interações culturais entre as civilizações mediterrâneas.

No que diz respeito à temporalidade, os alunos participaram ativamente nas discussões sobre as transformações ao longo dos séculos. O conceito de Europa, inicialmente confinado a uma lenda mitológica, foi gradualmente ampliado pelos alunos, que demonstraram interesse em compreender como essas narrativas influenciaram a conceção da Europa como a conhecemos hoje.

A aula confirmou o potencial das lendas mitológicas como ferramentas para promover a perceção espaço-temporal dos alunos. A lenda de Europa serviu como um meio eficaz de introduzir os conceitos de fronteiras geográficas fluidas e de interação cultural no Mediterrâneo Antigo, ajudando os alunos a desenvolver uma compreensão mais rica e profunda da história europeia.

Através da análise da lenda, os alunos foram capazes de expandir a sua visão sobre o que constitui a Europa, não como uma entidade geográfica estática, mas como um espaço em constante transformação, resultado de uma longa história de migrações, trocas e fusões culturais. O envolvimento dos alunos com o conteúdo sugere que o uso de mitos e narrativas lendárias é uma metodologia eficaz para estimular a curiosidade e o pensamento crítico sobre temas históricos.

2.2.A formação de reinos bárbaros pela Europa.

A formação dos reinos bárbaros na Europa pode ser um ponto essencial para desenvolver a perceção espaço-temporal dos alunos sobre o continente.

Ao estudar a formação dos reinos bárbaros, os alunos aprendem sobre as migrações desses povos ao longo do território europeu após a queda do Império Romano. Isso permite entender como as fronteiras e territórios mudaram ao longo do tempo e como esses movimentos populacionais influenciaram a geografia política e cultural da Europa medieval.

A história dos reinos bárbaros oferece uma oportunidade para os alunos explorarem a transição do mundo romano para o medieval na Europa. Eles podem examinar como esses reinos emergiram e se desenvolveram, substituindo o antigo sistema imperial por novas estruturas políticas e sociais.

Estudar os reinos bárbaros permite aos alunos compreenderem as diferentes culturas e tradições que coexistiram e interagiram na Europa medieval. Isso inclui explorar como as práticas políticas, sociais e religiosas desses povos contribuíram para a formação de identidades regionais e nacionais ao longo do tempo.

A análise da formação dos reinos bárbaros ajuda os alunos a mapear geograficamente as mudanças políticas e territoriais que ocorreram na Europa durante esse período. Eles podem visualizar como esses reinos se estabeleceram em diferentes partes do continente e como isso influenciou a configuração geopolítica da Europa medieval.

Compreender a formação dos reinos bárbaros também promove uma melhor percepção temporal, pois os alunos aprendem a situar eventos históricos dentro de um contexto cronológico mais amplo. Isso inclui entender as continuidades e mudanças ao longo dos séculos e como esses eventos moldaram a Europa como a conhecemos hoje.

A aula começou com uma explicação sobre os movimentos populacionais que ocorreram na Europa após a queda do Império Romano. Utilizando um mapa interativo, mostrei as rotas de migração dos principais povos bárbaros, como os Visigodos, Ostrogodos, Francos, Vândalos e Anglo-Saxões. Os alunos acompanharam com atenção e participaram ativamente ao tentar identificar as atuais localizações desses territórios. Este exercício ajudou a construir uma noção mais precisa das transformações geográficas e políticas da Europa durante esse período.

A seguir, viu-se como a queda de Roma abriu espaço para o surgimento de novos reinos bárbaros. Os alunos discutiram as diferenças entre o sistema imperial romano e as novas estruturas políticas que emergiram com esses povos. Foram utilizadas imagens de artefactos e registos históricos para mostrar as mudanças nas práticas políticas e sociais, como a descentralização do poder e a formação de novas hierarquias sociais. Os alunos ficaram intrigados ao perceber como o colapso de um grande império não significou o fim da civilização, mas sim o início de uma nova era, a medieval.

Durante essa fase da aula, os alunos investigaram as diferentes culturas e tradições dos povos bárbaros e como estas interagiram com as populações romanas remanescentes. Através de uma atividade em grupo, os alunos pesquisaram diferentes povos bárbaros e

apresentaram as suas tradições políticas, religiosas e sociais. Essa parte da aula foi muito bem recebida, com os alunos mostrando interesse em como essas interações contribuíram para a formação de identidades regionais que influenciam a Europa até os dias atuais.

Usando novamente o mapa interativo, os alunos mapearam as mudanças territoriais causadas pelas migrações bárbaras e o estabelecimento dos reinos. Eles puderam visualizar como esses reinos se espalharam pela Europa e influenciaram a configuração geopolítica do continente. A aula mostrou como os reinos bárbaros, ao contrário de destruir completamente a herança romana, absorveram muitas das suas tradições, criando um mosaico cultural que deu origem à Europa medieval.

Finalizamos a aula com uma linha do tempo que ajudou os alunos a situar os principais eventos das migrações bárbaras e a formação dos reinos dentro de um contexto histórico mais amplo. Discutimos a continuidade e mudança ao longo dos séculos, desde o fim do Império Romano até o surgimento de reinos estáveis, como o Reino Franco. Esta atividade promoveu uma melhor compreensão temporal, com os alunos percebendo a relação entre eventos históricos e as suas consequências a longo prazo.

A reação dos alunos à aula foi extremamente positiva. Eles demonstraram um grande interesse em compreender como os povos bárbaros não apenas invadiram o território europeu, mas também moldaram as bases da Europa medieval. A utilização de mapas interativos e a análise das migrações bárbaras ajudaram-nos a desenvolver uma percepção mais clara das mudanças espaço-temporais que ocorreram no continente.

Através das atividades de grupo e das discussões em sala, ficou evidente que os alunos se sentiram envolvidos e curiosos, especialmente ao perceber que a Europa atual é o resultado de uma longa história de transformações territoriais e culturais. Muitos deles destacaram a importância das interações culturais entre bárbaros e romanos na formação das identidades nacionais europeias, mostrando uma compreensão madura dos temas discutidos.

No final da aula, alguns alunos comentaram que a visão simplista que tinham dos povos bárbaros como apenas "invasores" foi desafiada, e eles agora veem essas migrações como parte integrante da história da Europa. Houve também entusiasmo em relação ao estudo de mapas históricos e à capacidade de traçar essas mudanças geográficas, algo que reforçou o conceito de que as fronteiras e identidades são dinâmicas e historicamente contingentes.

Esta aula demonstrou ser altamente eficaz para o desenvolvimento da percepção espaço-temporal dos alunos. Através do estudo dos reinos bárbaros, eles conseguiram visualizar claramente as transformações geopolíticas e culturais da Europa e situar essas mudanças no tempo histórico. O uso de mapas interativos, a criação de uma linha do tempo e as atividades colaborativas foram fundamentais para facilitar o entendimento dos alunos sobre a complexidade dos processos históricos.

A abordagem integrando mapas e cronologia ajudou os alunos a perceberem que a formação das fronteiras e identidades europeias não foi um processo linear, mas resultado de múltiplas influências e transformações ao longo do tempo. O envolvimento ativo dos alunos nas atividades e a profundidade das perguntas e comentários demonstraram que o tema conseguiu captar seu interesse e promover uma aprendizagem significativa.

2.3.A importância do Cristianismo como unificador da Europa.

A influência do cristianismo na Europa é profunda e multifacetada e o seu estudo pode contribuir para a percepção espaço-temporal dos alunos sobre a Europa.

O cristianismo desempenhou um papel fundamental na formação da Europa medieval e moderna. Estudar a expansão da fé cristã desde suas origens na Palestina até se tornar a religião dominante na Europa permite aos alunos compreenderem como essa transformação cultural e religiosa influenciou a história do continente ao longo de séculos.

A disseminação do cristianismo na Europa trouxe consigo uma nova moralidade, ética e organização social. Estudar como a religião moldou as normas sociais, as instituições educacionais, as artes e a arquitetura permite aos alunos entenderem como valores cristãos fundamentaram muitos aspectos da vida europeia pelos séculos.

O cristianismo desempenhou um papel central na formação de estados e na política europeia ao longo da Idade Média e além. O estudo das cruzadas, por exemplo, revela como motivações religiosas influenciaram conflitos e interações entre diferentes regiões da Europa e além dela.

A aula começou com a discussão em torno das origens do Cristianismo, com uma breve revisão sobre o nascimento da fé na Palestina e a sua expansão inicial pelo Império Romano. Utilizando um mapa cronológico, os alunos puderam visualizar como a nova religião se espalhou pela Europa. Ao traçarmos a evolução da fé cristã, os alunos aprenderam sobre os primeiros missionários e mártires, bem como sobre o papel do Imperador Constantino na institucionalização do Cristianismo com o Édito de Milão em

313 d.C. Esta parte da aula permitiu que os alunos situassem o Cristianismo num contexto temporal e espacial mais amplo, compreendendo como a religião cresceu em influência à medida que o Império Romano declinava.

A seguir, discutimos como o Cristianismo trouxe consigo novos valores morais e éticos que influenciaram profundamente a vida na Europa. Através de exemplos de práticas sociais, como a caridade, a hospitalidade e a fundação de mosteiros, os alunos aprenderam sobre a transformação das normas sociais e da organização comunitária. Além disso, explorámos como o Cristianismo foi fundamental na educação e na preservação do conhecimento, através das escolas monásticas e catedrais, que desempenharam um papel crucial no desenvolvimento cultural europeu. Os alunos ficaram especialmente interessados em como os monges copiaram e preservaram manuscritos, o que ajudou a manter o legado da Antiguidade Clássica.

Neste ponto da aula, refletiu-se como o Cristianismo foi central na formação e legitimação de reinos e estados europeus, particularmente durante a Idade Média. Analisámos o exemplo de Carlos Magno, coroado imperador pelo Papa em 800 d.C., como símbolo da aliança entre a Igreja e o poder secular. Utilizei uma linha do tempo para mostrar aos alunos como a Igreja Cristã não só serviu como guia moral e espiritual, mas também como uma força política unificadora, promovendo a paz e estabilidade através da Europa. As Cruzadas foram introduzidas como exemplo de como o Cristianismo influenciou ações políticas e militares, com os alunos discutindo as motivações religiosas por trás dessas expedições e o impacto que tiveram nas relações entre a Europa e outras regiões.

Uma parte fascinante da aula foi a exploração da influência do Cristianismo nas artes e arquitetura. Através de imagens de igrejas medievais, como a Catedral de Notre-Dame e a Abadia de Westminster, os alunos visualizaram o impacto da religião na arquitetura gótica e românica. Discutimos também as obras de arte religiosas, como os vitrais, que não apenas decoravam os locais de culto, mas também transmitiam mensagens teológicas aos fiéis. Os alunos demonstraram grande interesse em como a arte serviu como um meio de comunicação para um público maioritariamente analfabeto na Idade Média.

A resposta dos alunos foi bastante positiva. Desde o início da aula, a apresentação do Cristianismo como uma força unificadora na Europa despertou interesse, particularmente na forma como a religião influenciou todos os aspetos da vida medieval, desde a política até à arte. Os alunos participaram ativamente durante a explicação sobre

a expansão do Cristianismo e mostraram curiosidade ao explorar como a fé foi incorporada nas instituições e na governança europeia.

As atividades com mapas e a linha do tempo ajudaram a reforçar o conceito de mudança e continuidade histórica, permitindo que os alunos situassem os eventos num contexto espaço-temporal. Além disso, a abordagem do Cristianismo na arquitetura e nas artes prendeu a atenção dos alunos, que fizeram perguntas sobre a evolução dos estilos arquitetónicos e como as catedrais funcionavam como centros religiosos e culturais.

Durante a discussão sobre as Cruzadas, os alunos demonstraram uma compreensão aprofundada das interações entre a Europa e o Oriente Médio, levantando questões sobre o impacto dessas campanhas na Europa moderna. Houve uma participação ativa na discussão sobre como a moral cristã moldou as ações e motivações de reis e imperadores, evidenciando que os alunos conseguiram relacionar as ideias de ética e política na história europeia.

A aula foi bem-sucedida em promover uma compreensão mais profunda sobre a influência do Cristianismo na Europa. Ao usar múltiplas abordagens, desde mapas até a análise de arte e arquitetura, consegui captar o interesse dos alunos e incentivar o pensamento crítico sobre como a religião não só moldou a espiritualidade, mas também a cultura, a política e as estruturas sociais da Europa.

O desenvolvimento da perceção espaço-temporal dos alunos foi claramente aprimorado, à medida que eles conseguiram situar a expansão do Cristianismo e os seus efeitos num contexto histórico dinâmico. As atividades colaborativas, como a criação de uma linha do tempo, ajudaram a reforçar essa compreensão, mostrando a progressão dos eventos ao longo dos séculos e as transformações que ocorreram na Europa medieval.

2.4. Feudalismo.

O feudalismo desempenhou um papel significativo na formação da perceção espaço-temporal da Europa durante a Idade Média.

O sistema feudal estruturou o espaço europeu de maneira hierárquica e descentralizada. Os feudos, ou unidades territoriais controladas por senhores feudais, formaram uma rede complexa de relações de poder e dependência. Isso moldou a organização física e política da Europa medieval, com centros de poder dispersos e laços de lealdade que se estendiam verticalmente (entre senhores e vassalos) e horizontalmente (entre senhores de diferentes feudos).

O feudalismo contribuiu significativamente para a construção da identidade europeia através de suas instituições e práticas. As relações de vassalagem e suserania estabeleceram um código de comportamento e valores (como honra e lealdade) que moldaram a cultura e a ética social. Além disso, as estruturas feudais influenciaram a arquitetura, as artes e as práticas religiosas, criando um ambiente cultural distintamente europeu.

O tempo na era feudal era marcado por ritmos naturais e cerimoniais. A divisão do tempo refletia os ciclos agrícolas, festividades religiosas e eventos políticos. A noção de progresso estava ligada à manutenção da ordem social e ao avanço pessoal dentro da hierarquia feudal, em vez de um conceito linear de desenvolvimento histórico.

A aula começou com uma explicação sobre o que era o feudalismo, utilizando um diagrama visual que mostrava as relações de poder e dependência entre senhores feudais, vassalos e camponeses. Os alunos participaram ativamente ao responder perguntas sobre como essas relações afetavam a organização do espaço e do poder na Europa medieval. O uso de um mapa da Europa feudal ajudou a visualizar a descentralização, com os feudos dispersos como centros de poder.

Utilizando o conceito de hierarquia feudal, os alunos discutiram como o espaço europeu foi organizado de maneira fragmentada, com senhores feudais controlando áreas específicas de terra (feudos), enquanto prestavam juramento de lealdade a reis ou nobres mais poderosos. A estrutura vertical de poder, entre senhores e vassalos, foi analisada, assim como as relações horizontais entre diferentes senhores. Isso ajudou os alunos a perceberem como as fronteiras eram fluidas e o poder, descentralizado, ao contrário das nações modernas. Foi uma oportunidade de trabalhar com a noção de espaço na Idade Média e como ela era diferente da nossa visão atual de território e soberania.

A aula prosseguiu com uma análise das relações de vassalagem e suserania, e como essas práticas moldaram os códigos de comportamento da nobreza medieval, centrados em valores como a lealdade e a honra. Foram utilizados textos e imagens sobre a vida dos cavaleiros, castelos e cerimônias de juramento. Essa parte da aula despertou interesse entre os alunos, que rapidamente perceberam como o sistema feudal não era apenas uma forma de organização política, mas também uma estrutura social que moldava a cultura e o modo de vida da época. Discutimos também a influência do feudalismo na arquitetura (como a construção de castelos) e nas artes, explorando os elementos culturais que definiram a Idade Média europeia.

Uma parte vital da aula foi dedicada à discussão sobre a noção de tempo durante o feudalismo. Diferente da nossa concepção linear de progresso, os alunos aprenderam que o tempo na Idade Média era marcado por ritmos naturais (como as estações agrícolas) e eventos cerimoniais (festas religiosas e celebrações políticas). Utilizando um calendário medieval, expliquei como o ciclo agrícola e as festividades religiosas influenciavam o ritmo de vida na Europa feudal. Os alunos ficaram fascinados ao perceberem que o tempo era vivido de maneira mais cíclica e que o avanço pessoal dentro da hierarquia feudal (por exemplo, através da aquisição de terras ou títulos) estava relacionado à manutenção da ordem social, em vez de uma noção de desenvolvimento contínuo.

Para reforçar o conceito de descentralização e fragmentação política, os alunos realizaram uma atividade de mapeamento, onde recriaram a Europa feudal em grupos, dividindo o território em diferentes feudos e representando graficamente as relações entre senhores e vassalos. Cada grupo discutiu como os feudos interagiam entre si, com destaque para a importância de alianças e lealdades. Esta atividade prática gerou grande envolvimento dos alunos, que aplicaram os conceitos de espaço e poder aprendidos ao longo da aula.

Esta aula demonstrou-se particularmente eficaz na construção de uma percepção espaço-temporal mais apurada por parte dos alunos. Através do estudo do feudalismo, consegui introduzir conceitos-chave de organização política e territorial, assim como a mentalidade medieval em termos de tempo e espaço. O uso de mapas e atividades práticas foi essencial para garantir que os alunos internalizassem esses conceitos e conseguissem aplicar a teoria de maneira visual e colaborativa.

Além disso, os alunos mostraram uma compreensão clara das relações de poder feudal e como estas moldaram a organização social e política da Europa medieval. A reflexão sobre os valores culturais e as diferenças na percepção do tempo permitiu que os alunos expandissem seu entendimento da Idade Média, movendo-se além de uma visão simplista para uma análise mais rica e detalhada do período.

2.5. Era das Descobertas e Expansão Marítima.

As viagens de exploração marítima levaram os europeus a descobrir novos continentes, como as Américas, e a estabelecer rotas comerciais com África, Ásia e além. Isso expandiu significativamente o conhecimento geográfico europeu, transformando a visão do mundo de uma perspectiva predominantemente local para uma global.

A necessidade de navegar em novas rotas marítimas impulsionou avanços significativos na cartografia e na representação do espaço. Mapas mais precisos foram produzidos, refletindo a expansão das fronteiras conhecidas e a integração de novas terras nos mapas europeus.

A Era das Descobertas estimulou uma visão de progresso e desenvolvimento, à medida que novas terras, recursos e culturas eram descobertas e exploradas. Isso contrastava com a visão mais estática do tempo durante a Idade Média, impulsionando ideias de avanço humano e científico.

O contato com novos povos e culturas levou a uma maior interação e intercâmbio cultural, desafiando as visões tradicionais e estimulando o pensamento crítico e a reflexão sobre identidade e diversidade.

A aula começou com uma introdução às motivações por trás das grandes explorações marítimas, destacando os interesses comerciais, a busca por novas rotas e a expansão territorial. Utilizando um mapa-múndi da época medieval e outro mais recente (pós-Descobertas), os alunos visualizaram a diferença entre a visão europeia do mundo antes e depois das viagens de exploração. Esta atividade inicial gerou um debate interessante, com os alunos discutindo o quanto o conhecimento do mundo era limitado e como as novas terras descobertas alteraram essa visão.

Passámos a discutir como a necessidade de navegar por mares desconhecidos impulsionou inovações em instrumentos de navegação e na cartografia. Expliquei o uso de ferramentas como o astrolábio e a bússola, essenciais para os exploradores, e apresentei mapas que ilustravam as rotas traçadas pelos navegadores. Os alunos ficaram fascinados ao ver como a precisão dos mapas aumentou à medida que novas terras e rotas comerciais eram exploradas e registadas. Discutimos como esses avanços não só refletiam o progresso tecnológico, mas também expandiam as fronteiras do conhecimento europeu sobre o mundo.

Utilizando um mapa que comparava as fronteiras geográficas conhecidas antes e depois das Descobertas, mostrei como o espaço europeu foi ampliado para além do continente, integrando novas regiões como a América, as costas africanas e partes da Ásia. Nesta parte da aula, os alunos perceberam como as explorações não só redefiniram o espaço europeu, mas também criaram uma rede global de comércio e interações. A comparação visual entre o "antes" e o "depois" do mundo europeu foi particularmente

impactante, e os alunos participaram ativamente ao questionarem como os europeus reagiram ao contato com novas culturas e paisagens.

O conceito de progresso e desenvolvimento também foi explorado durante a aula, contrastando com a visão medieval mais estática de tempo. Discutimos como a Era das Descobertas impulsionou o avanço humano e científico, tanto através de novas tecnologias náuticas como da exploração de terras desconhecidas. Os alunos conseguiram perceber que, diferentemente da Idade Média, onde o foco estava na preservação da ordem, o Renascimento e as grandes navegações trouxeram uma nova noção de avanço e mudança contínua. Foi introduzida a ideia de que os europeus passaram a ver o tempo como um espaço de oportunidades e descobertas, moldando uma mentalidade de progresso.

A última parte da aula concentrou-se no contato entre os europeus e os povos indígenas das novas terras, abordando as trocas culturais que ocorreram, assim como os impactos positivos e negativos dessas interações. Através de relatos históricos, os alunos foram incentivados a refletir sobre a diversidade cultural e as tensões que surgiram desse contato. Houve uma discussão rica sobre como essas trocas não só enriqueceram as culturas europeias (através da introdução de novos produtos, ideias e práticas), mas também levaram a conflitos e à colonização. Os alunos demonstraram grande interesse em discutir os impactos dessas interações na identidade europeia e global.

A resposta dos alunos à aula foi positiva. Desde o início, o contraste entre a visão medieval limitada do mundo e a vasta expansão geográfica promovida pelas viagens de descoberta chamou a atenção. Os mapas e ilustrações visuais desempenharam um papel importante em envolver os alunos, que participaram ativamente ao identificar as novas rotas e continentes incorporados à visão europeia.

Os avanços na navegação, especialmente o uso de ferramentas como o astrolábio e a bússola, despertaram a curiosidade dos alunos, que fizeram perguntas sobre como esses instrumentos funcionavam e permitiam que os navegadores viajassem por mares desconhecidos. A explicação clara sobre como o desenvolvimento da cartografia refletiu a expansão do conhecimento gerou grande entusiasmo, com os alunos comentando como a Europa deixou de ser um espaço fechado para se abrir a um mundo mais amplo e globalizado.

O debate sobre intercâmbio cultural também foi muito produtivo. Muitos alunos questionaram a dualidade entre as contribuições das descobertas (como o enriquecimento cultural e científico) e os efeitos negativos do colonialismo. Eles demonstraram pensamento crítico ao analisar como esses encontros moldaram não apenas a história europeia, mas também a história global, destacando a importância de estudar essas interações com uma visão equilibrada e crítica.

A aula foi altamente bem-sucedida em ampliar a percepção dos alunos sobre o impacto da Era das Descobertas na transformação da visão espaço-temporal da Europa. A introdução de mapas e materiais visuais foi fundamental para envolver os alunos e ajudá-los a perceber as mudanças geográficas e culturais trazidas pelas viagens marítimas. A utilização de atividades visuais permitiu que eles internalizassem o conceito de expansão territorial e o desenvolvimento de uma nova mentalidade europeia mais voltada ao progresso e à descoberta.

O debate sobre o intercâmbio cultural foi um ponto forte da aula, pois ajudou a construir uma compreensão mais complexa e crítica sobre os impactos das explorações. Os alunos demonstraram uma boa capacidade de refletir sobre as implicações dessas interações e como elas moldaram o mundo moderno.

2.6. Absolutismo e Iluminismo.

O Absolutismo foi caracterizado pelo poder centralizado dos monarcas, que buscavam consolidar o controle sobre seus territórios. Isso levou à formação de estados nacionais mais coesos e centralizados, com fronteiras mais definidas e uma administração mais eficiente. A organização territorial tornou-se mais uniforme e formalizada, refletindo uma visão de poder e autoridade concentrados.

Sob o Absolutismo, o tempo era frequentemente visto como linear, progressivo e sob o controle do monarca. Isso contrastava com as visões cíclicas do tempo na Idade Média, refletindo uma ideia de progresso e desenvolvimento contínuo incentivado pelo governo centralizado.

O Iluminismo promoveu a disseminação do conhecimento científico, racional e crítico. Isso levou a um aumento no interesse pela geografia, exploração e compreensão do mundo físico. Mapas mais precisos foram produzidos, explorando territórios distantes e promovendo uma visão mais precisa e informada do espaço global.

Este movimento, também questionou as tradições e instituições estabelecidas, promovendo ideias de progresso humano através da razão, ciência e educação. O tempo

era visto como uma oportunidade para avançar o conhecimento e melhorar a sociedade, através de reformas políticas, sociais e económicas.

No início da aula fez-se uma breve contextualização histórica sobre o surgimento do Absolutismo na Europa, abordando monarcas como Luís XIV na França. A docente explicou como esses reis centralizaram o poder, consolidando o controlo sobre seus territórios e estabelecendo fronteiras mais definidas e uma administração eficiente. Com o uso de mapas da época, os alunos puderam observar a formação de estados nacionais coesos e as novas divisões territoriais.

Para ilustrar essa centralização, comparei a descentralização feudal da Idade Média com a organização territorial sob o Absolutismo. Os alunos participaram ativamente, destacando a mudança de uma estrutura hierárquica dispersa para uma concentração de poder nas mãos do monarca.

Em seguida, a docente explorou como o tempo, sob o Absolutismo, começou a ser visto de forma linear e progressiva, refletindo a ideia de desenvolvimento contínuo e controle por parte do monarca. Contrastei essa visão com a conceção medieval, em que o tempo era frequentemente cíclico e relacionado aos ritmos naturais. Os alunos demonstraram grande interesse ao discutir essa transição de uma visão "natural" do tempo para uma mais "politicada", centralizada no poder do rei.

Neste momento, discutimos o famoso lema de Luís XIV, "O Estado sou eu" (*L'État c'est moi*), que serviu para mostrar como os monarcas absolutistas controlavam o espaço e o tempo do seu reino, promovendo uma sensação de progresso contínuo que beneficiava a centralização do poder.

Foi introduzido, então, o Iluminismo como um movimento de oposição ao Absolutismo, centrado na razão, ciência e crítica às tradições estabelecidas. Mostrei como o Iluminismo promoveu um grande avanço na compreensão do espaço global, através da exploração, ciência e cartografia. Os alunos puderam observar a precisão crescente dos mapas dessa época e como a visão do mundo se expandiu devido às explorações científicas e viagens.

A discussão gerou grande entusiasmo, especialmente quando relacionámos a evolução da cartografia com o desejo iluminista de melhor compreender o mundo físico e racionalizá-lo. Alguns alunos levantaram questões interessantes sobre como essa nova perceção do espaço também contribuiu para a expansão colonial e a exploração de territórios distantes.

Explicámos como o Iluminismo trouxe uma nova visão de tempo, ligado ao progresso e à melhoria contínua da sociedade através da educação e do conhecimento. Comparámos essa ideia com a noção mais estática do Absolutismo, destacando como os pensadores iluministas como Voltaire e Rousseau viam o tempo como uma oportunidade para reformar a sociedade, promover a igualdade e expandir os horizontes do conhecimento.

Os alunos participaram ativamente em discussões sobre como a educação, a ciência e o pensamento crítico começaram a questionar a autoridade dos monarcas absolutistas, transformando a noção de progresso numa missão coletiva para o avanço da humanidade.

A parte prática da aula envolveu os alunos na criação de um "Mapa do Progresso", onde eles precisavam de identificar e destacar momentos chave que marcaram a expansão do conhecimento geográfico e científico durante o Iluminismo, e comparar com a organização dos estados absolutistas. Cada grupo discutiu a relação entre o conhecimento e o poder, e como a perceção de espaço e tempo mudou com as novas descobertas e inovações.

Os alunos ficaram bastante engajados nesta atividade, especialmente ao conectarem as ideias de poder e conhecimento com a mudança na forma de visualizar o mundo. A atividade promoveu um grande envolvimento, com os alunos discutindo como o conhecimento científico expandiu a perceção europeia do espaço global e desafiou o poder absoluto dos monarcas.

A resposta dos alunos foi positiva. Desde o início, houve grande interesse em entender como o Absolutismo consolidou o poder e reorganizou os territórios europeus. O uso de mapas históricos facilitou a compreensão visual da transição entre a descentralização feudal e a centralização do poder, e os alunos demonstraram curiosidade em discutir como a nova organização territorial impactou a perceção de espaço na Europa.

O conceito de tempo linear no Absolutismo, comparado à visão cíclica medieval, gerou debates interessantes. Os alunos participaram ativamente, conectando essa noção de tempo ao controle do monarca sobre o desenvolvimento do seu reino. As comparações com o Iluminismo, que via o tempo como uma oportunidade de progresso contínuo, incentivaram uma reflexão crítica sobre as diferenças entre as duas épocas.

A introdução do Iluminismo como movimento reformista e disseminador de conhecimento provocou grande entusiasmo. A ligação entre ciência, exploração e a expansão do espaço conhecido pelos europeus despertou muitas questões, e os alunos ficaram especialmente interessados em como o conhecimento racional foi utilizado para desafiar o poder centralizado. A atividade prática também foi um sucesso, com os grupos

mostrando grande criatividade e habilidade em conectar a expansão do conhecimento com a evolução da percepção espaço-temporal.

A aula alcançou plenamente os objetivos de desenvolver a percepção espaço-temporal dos alunos no contexto do Absolutismo e Iluminismo. As comparações entre a centralização territorial sob os monarcas absolutistas e a expansão global do conhecimento iluminista forneceram uma base sólida para entender como o espaço e o tempo eram concebidos de maneira distinta em cada período.

Os alunos mostraram grande capacidade de raciocínio crítico ao discutir o papel do conhecimento na transformação da visão europeia sobre o mundo, e a atividade prática contribuiu significativamente para a internalização desses conceitos.

Capítulo V- Análise dos Inquéritos

Este capítulo apresenta a análise dos inquéritos realizados ao longo do estudo, com o intuito de explorar os efeitos das atividades e aulas temáticas introduzidas. A análise está organizada em duas fases distintas: a primeira fase refere-se ao levantamento inicial, realizado antes da implementação das atividades e aulas temáticas. Nesta fase, captam-se perceções e conhecimentos prévios dos participantes, fornecendo uma linha de base para a investigação. A segunda fase, conduzida após a aplicação das atividades e aulas temáticas, permite avaliar as mudanças e impactos resultantes dessa intervenção.

No final deste capítulo, comparamos e discutimos os resultados de ambas as fases, a fim de identificar progressos, transformações e implicações no contexto estudado.

1. Primeira fase dos inquéritos

A amostra de 38 inquiridos conforme se pode verificar na figura 1 mostra que metade (50%, n=19) dos participantes têm 12 anos. Já os adolescentes de 13 anos representam 31,6% (n=12), enquanto apenas 10,5% (n=4) têm 14 anos e 7,9% (n=3) têm 15 anos. Esse dado indica uma predominância de participantes com 12 ou 13 anos.

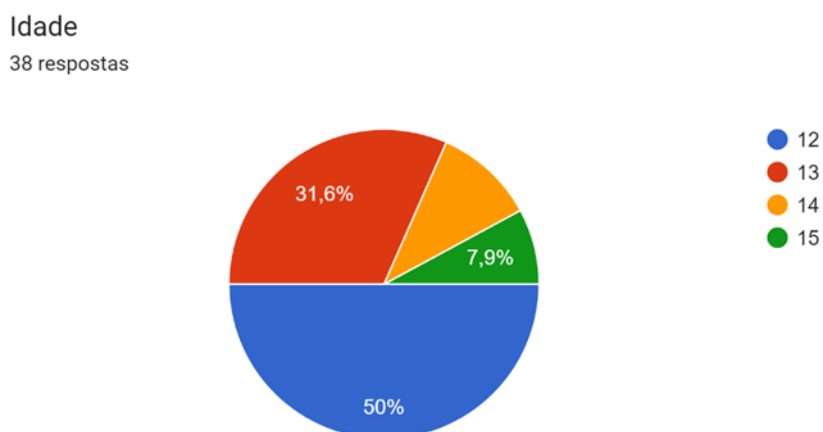


Figura 1- Idades dos inquiridos.

Dos 38 respondentes, 52,6% (n=20) são do sexo masculino, enquanto 47,4% (n=18) são do sexo feminino, de acordo com a figura 2. A distribuição entre os sexos é relativamente equilibrada, com ligeira predominância masculina.

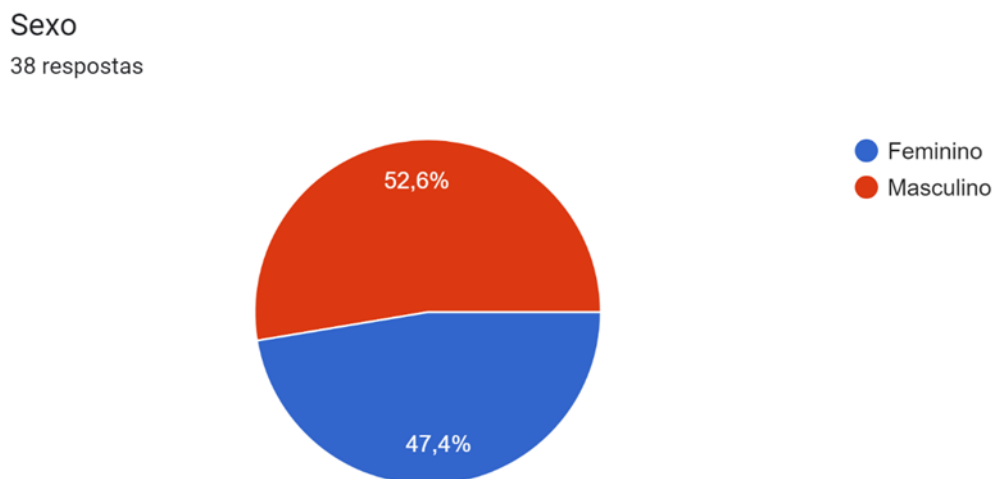


Figura 2-Sexo dos inquiridos.

O 7º ano é ligeiramente mais representado com 52,6% (n=20), enquanto 47,4% (n=18) estão no 8º ano, conforme a figura 3. Existe, portanto, um equilíbrio entre os anos de escolaridade dos inquiridos.

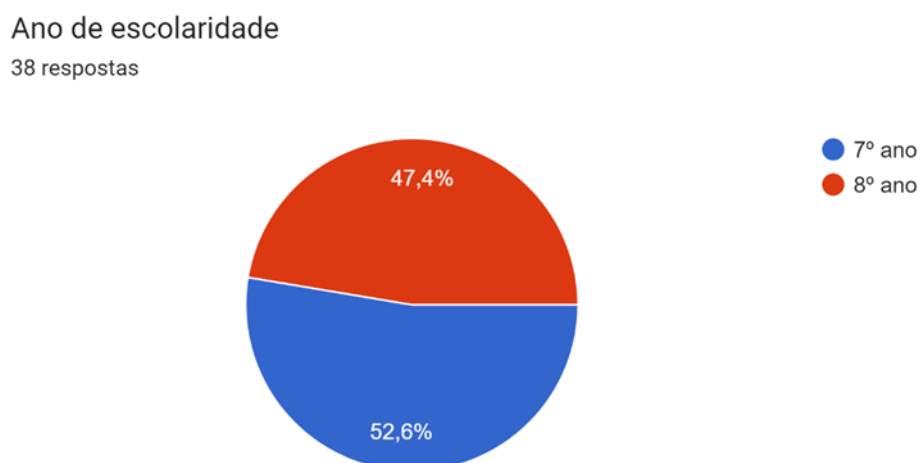


Figura 3- Ano de Escolaridade.

Mais da metade dos inquiridos, 50% (n=19), avaliam sua compreensão como "Boa", e 36,8% (n=14) indicam uma compreensão "Regular", como consta na figura 4. As opções "Excelente" e "Limitada" foram selecionadas por 5,3% (n=2) cada, enquanto "Mínima" recebeu apenas 2,6% (n=1), o que indica uma avaliação predominantemente positiva.

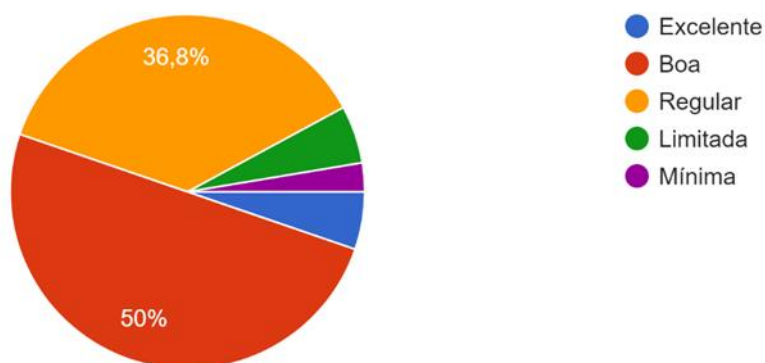


Figura 4- Compreensão Geral da História Europeia.

A prestação foi considerada "Regular" por 44,7% (n=17) dos inquiridos, seguida de "Boa" com 31,6% (n=12). 13,2% (n=5) avaliaram sua capacidade como "Limitada" e 10,5% (n=4) como "Excelente", como indica a figura 5. Não houve resposta para a opção "Mínima", o que reflete uma maioria moderada na auto percepção.

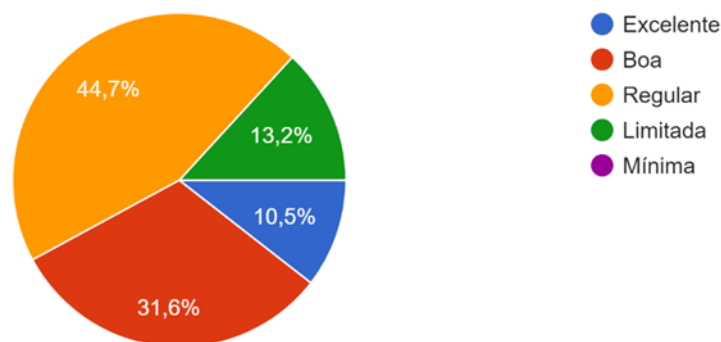


Figura 5- Localização dos Países Europeus.

92,1% (n=35) dos participantes conseguiram localizar corretamente todos os cinco países no mapa, de acordo com a figura 6, enquanto apenas 5,3% (n=2) não acertaram nenhum e 2,6% (n=1) acertaram apenas um país, indicando alto índice de precisão.

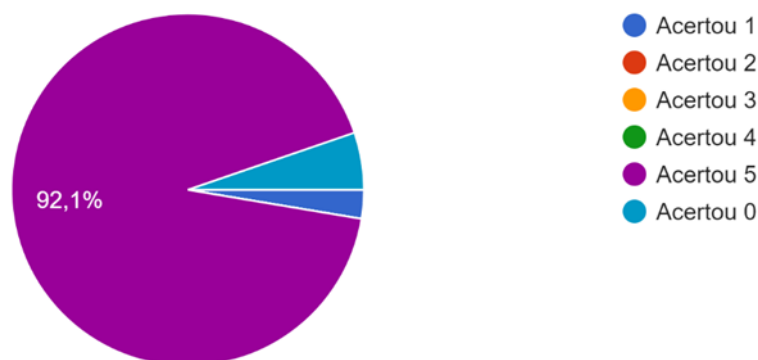


Figura 6- Localização Aproximada dos Países.

Metade dos inquiridos (50%, n=19) conseguiu nomear corretamente três eventos históricos, de acordo com a figura 7. A opção "Não sei" foi selecionada por 31,6% (n=12), e 13,2% (n=5) acertaram um evento, enquanto apenas 5,3% (n=2) acertaram dois eventos. Observa-se uma distribuição com significativa variação no domínio histórico.

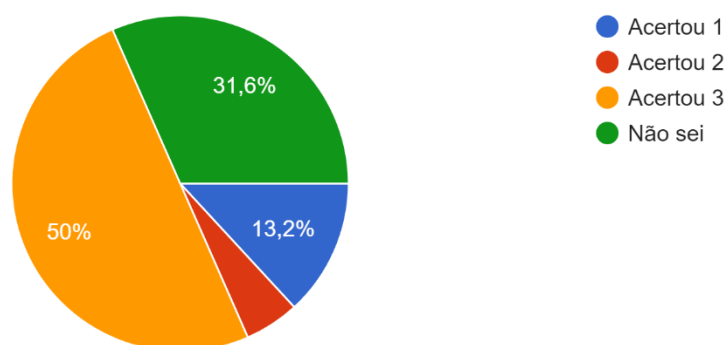


Figura 7- Eventos Históricos Associados à Europa.

47,4% (n=18) dos inquiridos consideram o ensino "Eficaz", enquanto 42,1% (n=16) avaliaram como "Neutra" e 7,9% (n=3) como "Muito eficaz", como consta na figura 8. Apenas 2,6% (n=1) consideraram "Ineficaz", indicando, em geral, uma percepção positiva.

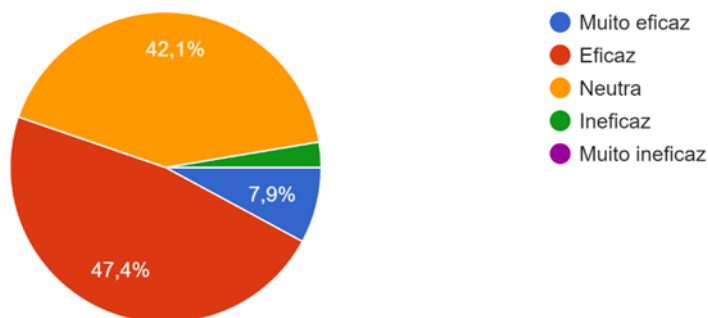


Figura 8- Avaliação do Ensino da História Europeia.

89,5% (n=34) dos participantes consideram o conhecimento da história europeia relevante, enquanto 10,5% (n=4) discordam, sugerindo que a maioria vê conexão entre a história e os desafios contemporâneos, conforme indicado na figura 9.

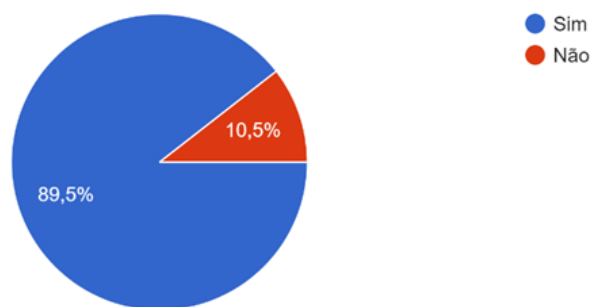


Figura 9- Relevância da História Europeia para Contextos Atuais.

84,2% (n=32) acreditam que o ensino deveria abordar mais aspetos específicos da história europeia, enquanto 15,8% (n=6) consideram que o foco deveria ser menor, como se verifica na figura 10. Esse resultado revela um interesse na ampliação dos conteúdos históricos.

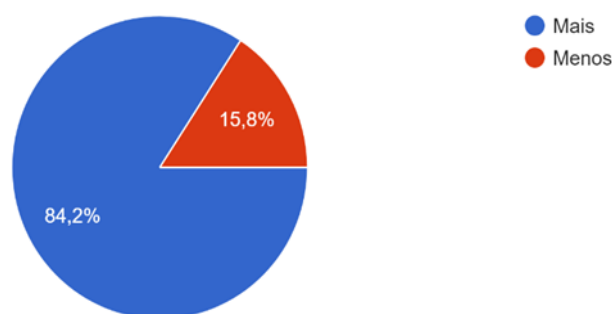


Figura 10- Importância de Aspetos Específicos da História Europeia.

Dos inquiridos, 55,3% (n=21) utilizam livros e filmes, 42,1% (n=16) recorrem a documentários, e 18,4% (n=7) não utilizam recursos adicionais, como se verifica na figura 11. Outras fontes representam 21,1% (n=8). A maior preferência está nos livros e filmes como fontes de apoio.

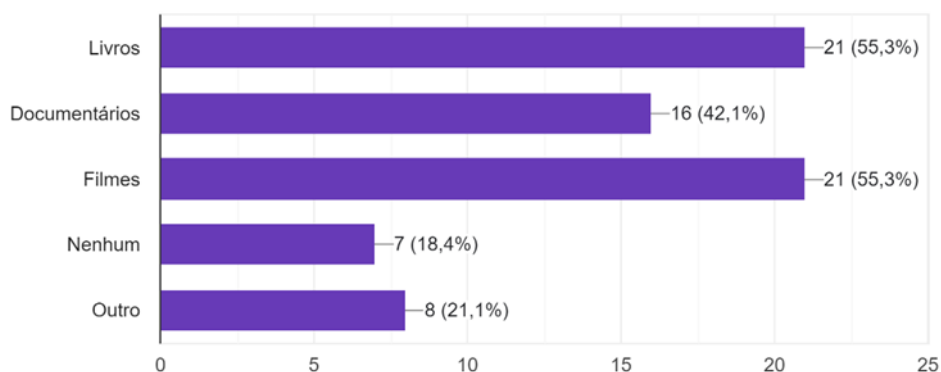


Figura 11- Recursos Adicionais Utilizados para Aprendizagem.

86,8% (n=33) dos respondentes identificam a Geografia como relacionada à história europeia, enquanto Português, Ciências, e Música foram selecionadas em percentuais menores (7,9%, 5,3% e 5,3%, respetivamente), como consta na figura 12. Observa-se uma forte conexão percebida com a Geografia.

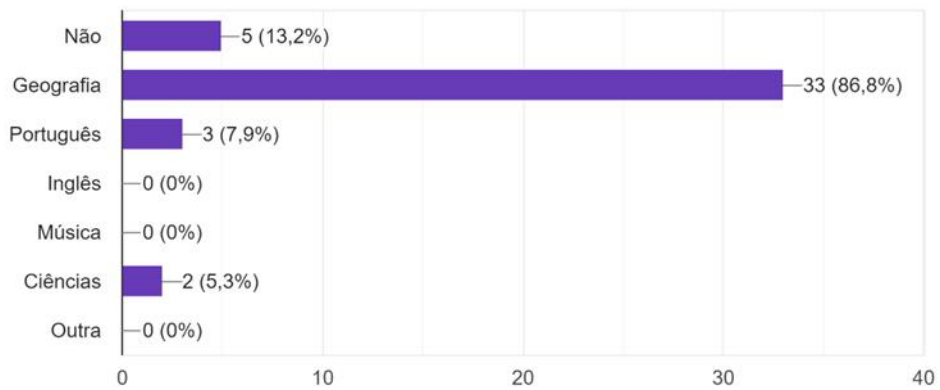


Figura 12- Relação da História Europeia com Outras Disciplinas.

2. Segunda fase dos inquéritos

Nesta amostra de 38 inquiridos, observa-se que metade dos participantes (50%, n=19) têm 12 anos, e 31,6% (n=12) possuem 13 anos. Os adolescentes de 14 anos representam 10,5% (n=4), enquanto os de 15 anos são apenas 7,9% (n=3), como se verifica na figura 1. Esses dados indicam uma predominância de alunos mais jovens na faixa etária de 12 e 13 anos.

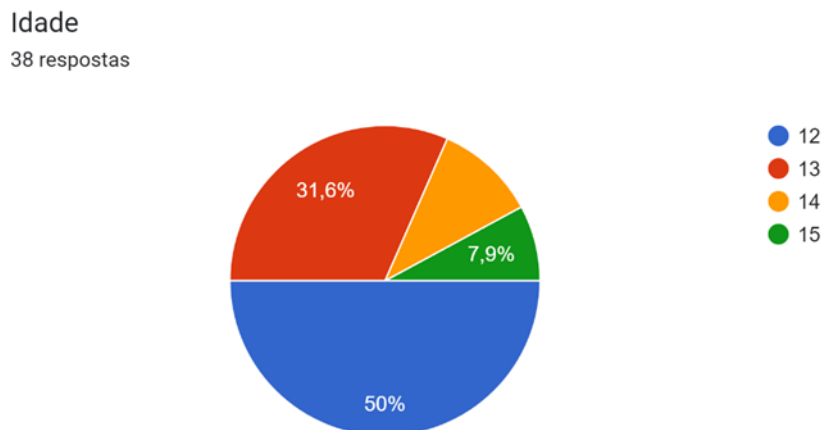


Figura 1- Idades dos Inquiridos.

Entre os participantes, 52,6% (n=20) são do sexo masculino e 47,4% (n=18) do sexo feminino, perceptível na figura 2. A distribuição mostra uma amostra equilibrada em termos de género, com uma leve predominância masculina.

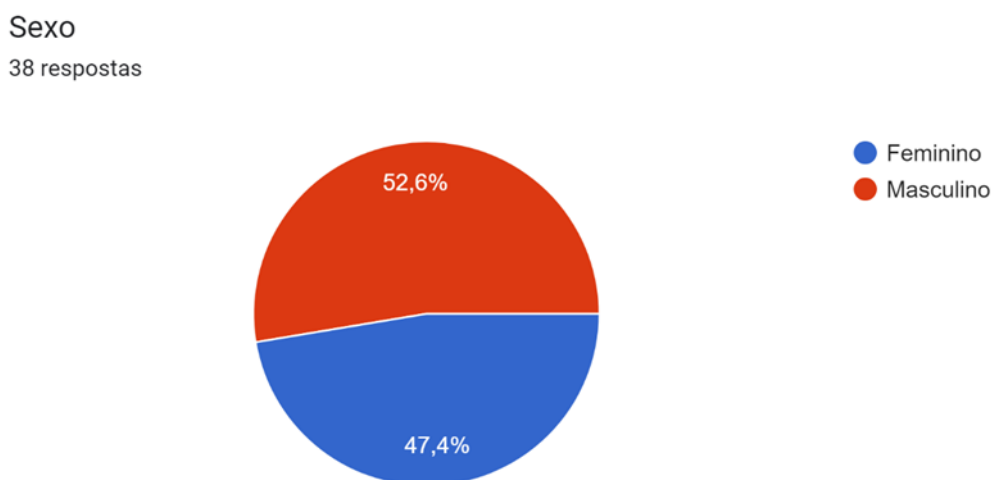


Figura 2- Sexo dos Inquiridos.

A maioria dos respondentes, 52,6% (n=20), encontra-se no 7º ano, enquanto 47,4% (n=18) estão no 8º ano, conforme demonstrado na figura 3. Este equilíbrio sugere que ambos os anos estão bem representados, com uma leve predominância do 7º ano.

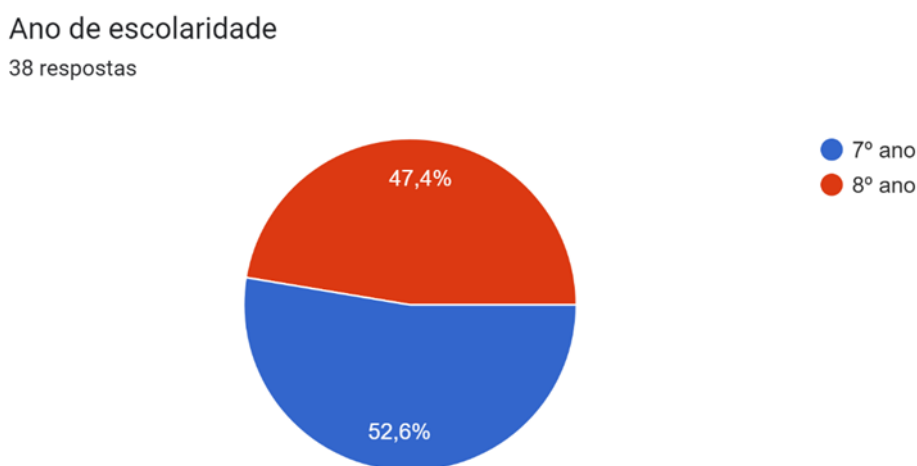


Figura 3- Ano de Escolaridade.

A opção “Boa” foi escolhida por 55,3% (n=21) dos inquiridos, seguido de 23,7% (n=9) que indicaram “Regular” e 21,1% (n=8) que avaliaram a sua compreensão como “Excelente”, tal como se verifica na figura 4. Nenhum participante optou por “Limitada” ou “Mínima”, o que indica uma auto percepção predominantemente positiva em relação ao conhecimento histórico.

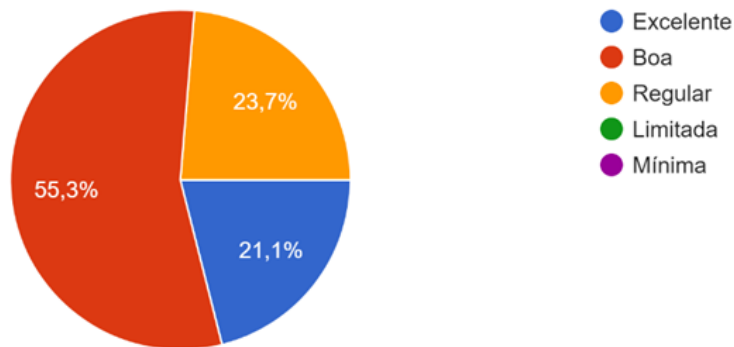


Figura 4- Compreensão Geral da História Europeia.

A maioria dos participantes (57,9%, n=22) considera sua capacidade de localização como “Boa”, 21,1% (n=8) classificaram-na como “Regular” e 18,4% (n=7) como “Excelente”, conforme é evidente na figura 5. Apenas 2,6% (n=1) indicaram “Limitada”, revelando uma alta confiança nas suas habilidades geográficas.

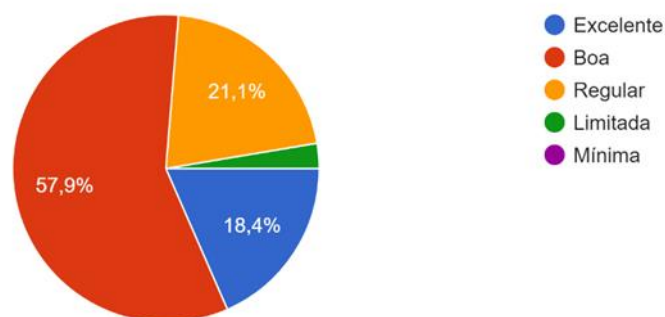


Figura 5- Capacidade de Localizar Países Europeus.

Ao analisar a localização aproximada dos países no mapa, 92,1% (n=35) dos inquiridos acertaram todos os cinco países, enquanto 5,3% (n=2) acertaram apenas um país e 2,6% (n=1) acertaram dois, como se pode verificar na figura 6. Esse resultado demonstra que a maioria dos alunos possui uma boa noção geográfica da Europa.

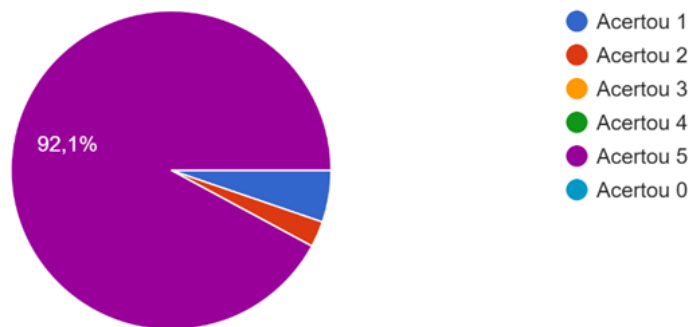


Figura 6- Localização Aproximada dos Países.

A questão aberta sobre eventos históricos revelou que 55,3% (n=21) dos inquiridos conseguiram nomear corretamente três eventos históricos. Outros 42,1% (n=16) acertaram dois eventos, enquanto apenas 2,6% (n=1) indicaram “Não sei”, como se pode constatar na figura 7. O resultado sugere um bom domínio dos principais eventos históricos da Europa por parte dos inquiridos.

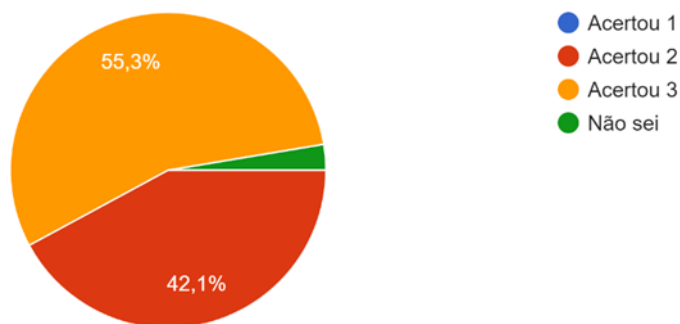


Figura 7- Identificação de Eventos Históricos Europeus.

A maioria dos inquiridos (81,6%, n=31) considera o ensino da história europeia como “Eficaz”, 10,5% (n=4) como “Neutra” e 7,9% (n=3) como “Muito eficaz”, como se pode verificar na figura 8. Isso indica uma percepção predominantemente positiva em relação à abordagem histórica nas escolas.

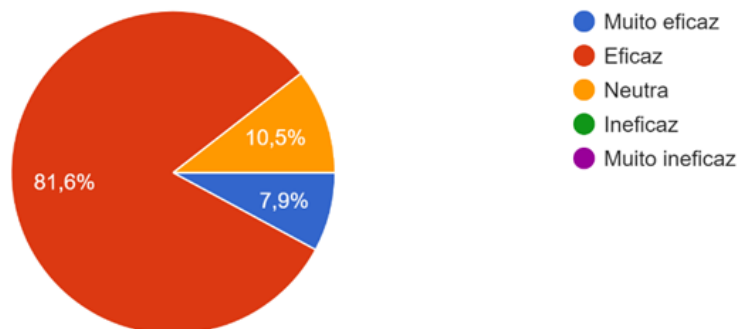


Figura 8- Avaliação do Ensino da História Europeia.

Nesta questão, 100% dos respondentes (n=38) acredita que o conhecimento da história europeia, como se pode observar na figura 9, é relevante para compreender os desafios e oportunidades atuais, demonstrando uma visão unânime sobre a importância do estudo histórico.

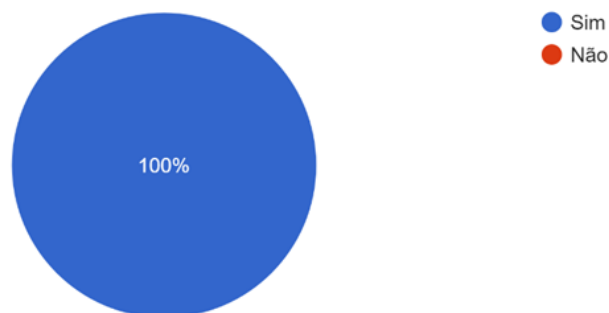


Figura 9- Relevância da História Europeia para os Desafios Atuais.

Todos os inquiridos (100%, n=38) concordam que o ensino da história deveria abordar mais aspetos específicos da história europeia, de acordo com a figura 10, o que evidencia um forte interesse numa educação histórica mais detalhada e abrangente.

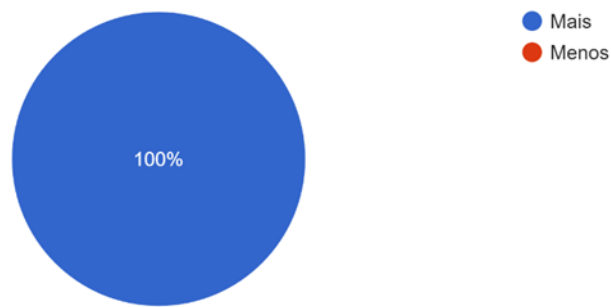


Figura 10- Abordagem de Aspectos Específicos da História Europeia.

Na escolha dos recursos adicionais, 81,6% (n=31) indicaram “Filmes”, 55,3% (n=21) mencionaram “Livros”, e 39,5% (n=15) optaram por “Documentários”, como consta na figura 11. Apenas 2,6% (n=1) não utilizam nenhum recurso adicional, enquanto “Outro” foi citado por 47,4% (n=18), refletindo um interesse diversificado por fontes de apoio para a aprendizagem histórica.

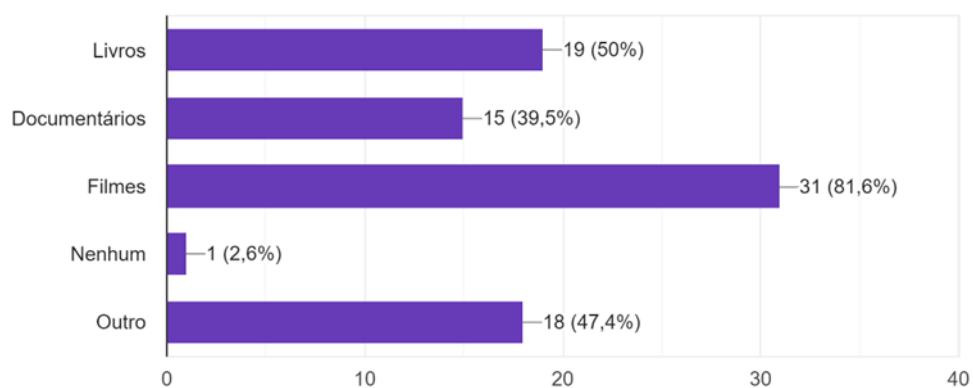


Figura 11- Recursos Adicionais Utilizados para Aprender sobre a História Europeia.

Todos os inquiridos (100%, n=38) apontaram a Geografia como uma disciplina relacionada à história europeia. Outros 57,9% (n=22) selecionaram “Ciências”, 28,9% (n=11) indicaram “Outra”, e uma minoria citou “Português” (15,8%, n=6) e “Inglês” (5,3%, n=2), como se pode observar na figura 12. Isso evidencia uma visão interdisciplinar da história, especialmente conectada à geografia.

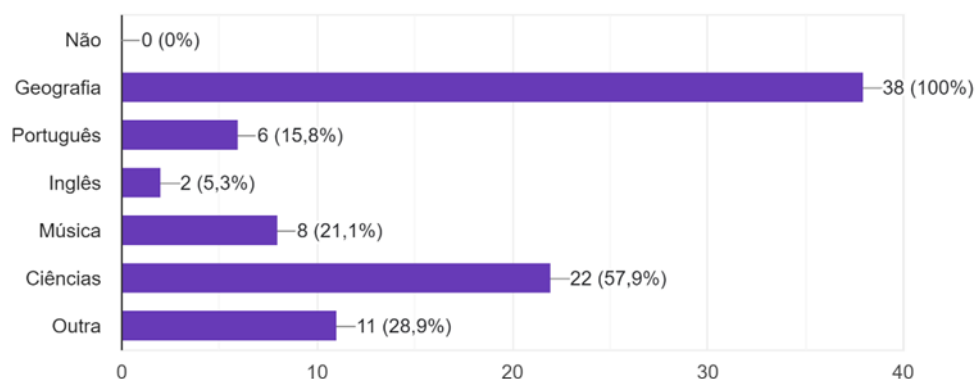


Figura 12- Relação da História Europeia com Outras Disciplinas.

Capítulo VI- Discussão dos Resultados

A análise dos dados obtidos nos questionários revela uma evolução clara na percepção e compreensão dos alunos em relação à dimensão histórica e geográfica da Europa. Inicialmente, muitos participantes demonstraram uma compreensão limitada, com respostas predominantemente "regular" ou "boa" para questões sobre a sua avaliação geral da História Europeia e a capacidade de localizar países no mapa. Contudo, após a implementação das intervenções pedagógicas, verificou-se uma melhoria significativa nos níveis de compreensão e interação com o tema.

Uma interpretação central recai sobre o impacto das atividades didáticas na aprendizagem dos alunos. A introdução de metodologias ativas, como jogos e aulas temáticas, parece ter desempenhado um papel crucial na internalização de conteúdos mais complexos. Por exemplo, a proporção de alunos que identificaram corretamente eventos históricos europeus aumentou notavelmente, passando de 50% na primeira fase para 55,3% na segunda fase, com uma redução significativa das respostas "Não sei". Essa mudança sugere que o uso de ferramentas pedagógicas interativas não só facilitou a aprendizagem, mas também promoveu uma maior confiança no conhecimento adquirido.

Outro dado relevante foi a unanimidade dos alunos, na segunda fase, em reconhecerem a importância da História Europeia para compreender os desafios contemporâneos. Isso denota um amadurecimento na forma como os alunos relacionam o conhecimento histórico com questões atuais, um objetivo fundamental do ensino da História. Este resultado também evidencia a eficácia das estratégias que buscaram estabelecer ligações entre o passado e o presente, como as aulas temáticas que abordaram a integração europeia e os valores fundadores da União Europeia.

Além disso, a preferência por abordar mais aspetos da História Europeia no currículo escolar, expressa por 84,2% dos inquiridos na primeira fase e por 100% na segunda, reforça a necessidade de um ensino mais robusto e centrado neste tema. Esta evolução reflete uma valorização crescente por parte dos alunos, possivelmente estimulada pelo contato mais próximo com conteúdos relacionados ao espaço europeu.

Quanto aos recursos utilizados fora do contexto escolar, observa-se uma utilização diversificada de materiais complementares, com destaque para livros, filmes e documentários. Este dado aponta para o interesse dos alunos em explorar autonomamente temas relacionados, um indicador positivo do impacto das intervenções na promoção de uma aprendizagem contínua.

No que se refere à interdisciplinaridade, a relação entre História e Geografia foi amplamente reconhecida pelos inquiridos em ambas as fases, mas na segunda fase foram apontadas mais conexões com outras disciplinas, como Ciências e Música. Isso sugere uma ampliação da visão dos alunos sobre o papel da História no entendimento de diversas áreas do saber, consolidando a relevância de uma abordagem transversal no ensino.

Conclui-se que os dados refletem não apenas uma melhoria no conhecimento factual, mas também uma ampliação da consciência crítica e da valorização da História Europeia entre os alunos. Estas transformações reforçam a importância de metodologias ativas e contextualizadas, bem como a integração de temas europeus no currículo escolar, para promover uma formação mais completa e cidadã.

Capítulo VII- Resultados

A análise comparativa entre os dados das duas fases dos inquéritos revela uma evolução significativa nas perceções e no conhecimento dos participantes acerca da História Europeia. Ao longo das duas fases, pode-se observar uma tendência geral de melhoria no entendimento e na valorização do ensino histórico, o que reflete, em grande parte, um progresso tanto cognitivo quanto de atitude por parte dos inquiridos.

Uma das evoluções mais marcantes foi a perceção dos participantes sobre o seu próprio conhecimento. Na primeira fase, uma parcela significativa dos inquiridos avaliava a sua compreensão da História Europeia como "Regular" ou "Limitada". No entanto, na segunda fase, há um claro deslocamento para avaliações mais positivas, com um aumento notável nas respostas "Boa" e "Excelente". Esta mudança pode ser interpretada como um

reflexo de um maior envolvimento dos estudantes com o conteúdo, possivelmente influenciado por uma abordagem pedagógica mais eficaz, ou pela maior exposição a materiais educacionais relacionados à Europa.

Adicionalmente, a capacidade de localizar geograficamente países europeus também melhorou entre as fases. Na primeira fase, a maior parte dos inquiridos sentia-se apenas moderadamente confiante em sua capacidade de identificar países no mapa. Já na segunda fase, mais de 57% dos participantes avaliavam essa habilidade como "Boa", indicando que houve um avanço concreto em termos de aprendizagem geográfica. Este aspeto é particularmente importante, pois sugere que o ensino de história, quando interligado a outros conhecimentos, como a geografia, pode produzir resultados mais completos.

Outro ponto crucial foi a evolução no reconhecimento e nomeação de eventos históricos europeus. Se, na primeira fase, metade dos inquiridos conseguia nomear três eventos históricos associados à Europa, na segunda fase, essa proporção aumentou. Além disso, o número de inquiridos que afirmaram não saber indicar eventos diminuiu substancialmente, o que reforça a ideia de que o conhecimento histórico se solidificou com o tempo e com as intervenções educativas.

A percepção sobre a eficácia do ensino de História também sofreu uma transformação relevante. Inicialmente, quase metade dos inquiridos considerava o ensino de História como eficaz, mas na segunda fase, essa avaliação cresceu substancialmente, com 81,6% considerando-o eficaz e uma proporção considerável afirmando que o ensino era "Muito eficaz". Esta mudança sugere que as práticas de ensino podem ter sido ajustadas ou melhoradas, gerando um impacto positivo nos estudantes.

Quanto à relevância do conhecimento histórico para a compreensão dos desafios contemporâneos, é particularmente interessante notar que, na segunda fase, 100% dos inquiridos acreditavam na importância da História Europeia para a compreensão dos problemas e oportunidades atuais. Isso indica não apenas um maior envolvimento dos estudantes com o tema, mas também uma consciencialização crescente sobre o papel que o conhecimento histórico desempenha na análise crítica do presente.

Em termos gerais, as evoluções observadas entre as duas fases do inquérito demonstram que os participantes não apenas ampliaram o seu conhecimento sobre a História Europeia, mas também passaram a valorizar mais esse conhecimento, percebendo-o como fundamental para o entendimento do mundo contemporâneo. A consistência entre as fases em aspetos como a distribuição etária e de género reforça a

credibilidade dos resultados, sugerindo que as mudanças observadas foram, de facto, resultado de uma evolução no conhecimento e na percepção dos inquiridos.

Sobre as atividades e aulas temáticas desenvolvidas no diário de bordo, constatou-se a relevância das metodologias interativas e lúdicas, como ferramentas que promovem uma compreensão espaço-temporal e cultural mais rica entre os alunos. As atividades propostas, como a "Associação de Imagens", "Jogo da Glória", "Associação de Bandeiras e Capitais" e explorações mitológicas, entre outras, corroboram os princípios defendidos por autores como Souza (2015), que enfatizam a importância da aprendizagem ativa e da construção do conhecimento através da interação social e cultural.

As abordagens práticas, inspiradas em metodologias de observação e registos diretos, criaram um ambiente de aprendizagem que incentiva a autonomia, o pensamento crítico e a apreciação da diversidade cultural. Segundo Rogoff (2003), a observação direta permite que se revelem padrões culturais no desenvolvimento humano, o que foi claramente observado no interesse dos alunos pela interação com mapas físicos, jogos e discussões em grupo. Essas estratégias pedagógicas alinham-se com as aprendizagens essenciais descritas para o ensino da História, como a compreensão do espaço e do tempo europeu e a empatia histórica, como destaca Souza (2015), ao evidenciar o papel da subjetividade e das experiências adquiridas na construção do conhecimento.

Este estudo evidenciou, portanto, que a integração de ferramentas didáticas interativas e da reflexão crítica proporcionou aos alunos uma visão ampliada e mais conectada das realidades históricas e culturais da Europa. O uso do diário de bordo como método não apenas documentou, mas também potencializou o processo de aprendizagem, oferecendo uma base para uma prática pedagógica que valoriza a interdisciplinaridade e a formação de uma cidadania europeia consciente e integrada, promovendo o respeito e a apreciação da diversidade.

Portanto, conclui-se que o processo de ensino-aprendizagem foi eficaz ao longo do tempo, gerando uma evolução positiva na formação histórica dos participantes. Essa evolução pode ser atribuída tanto a uma maior qualidade do ensino quanto ao interesse crescente dos alunos em compreender o passado europeu, o que certamente contribui para uma visão mais crítica e informada sobre os desafios globais e locais atuais. Esses dados podem servir de base para futuras melhorias no currículo escolar e para a implementação de estratégias que promovam ainda mais o interesse dos estudantes pela história, estabelecendo conexões com outras áreas de conhecimento, como a geografia e as

ciências sociais, além de incentivar o uso de recursos adicionais como livros, documentários e filmes.

Conclusão

A conclusão deste relatório com base no estudo realizado evidencia a importância da integração da História Europeia no currículo escolar do ensino Básico e Secundário. Ao longo das atividades pedagógicas desenvolvidas, ficou claro que o ensino de História vai além da mera transmissão de informações sobre eventos e datas. Ele desempenha um papel crucial no desenvolvimento de uma consciência crítica nos alunos sobre o espaço europeu, os seus valores, diversidade cultural e dinâmica geopolítica.

No contexto europeu, o estágio evidenciou a relevância de abordar os valores e as instituições da União Europeia no ensino da História, contribuindo para a construção de uma consciência cidadã nos estudantes. Refletindo sobre este aspeto, compreendi que é fundamental que o ensino ultrapasse a mera transmissão de conteúdos factuais, assumindo um papel mais dinâmico na formação de cidadãos informados, tolerantes e capazes de dialogar com a diversidade cultural.

A pesquisa revelou que os alunos inicialmente apresentavam uma compreensão limitada sobre os países e eventos históricos da Europa. Contudo, com trabalho desenvolvido pela professora estagiária e com o progresso dos alunos nas atividades propostas o progresso das atividades propostas, observou-se uma evolução significativa tanto no conhecimento geográfico quanto no entendimento histórico. O uso de ferramentas didáticas interativas, como a associação de imagens e jogos temáticos, mostrou-se eficaz no estímulo à aprendizagem ativa, aumentando o interesse e a motivação dos estudantes. Além disso, essas atividades promoveram a cooperação entre os alunos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a resolução de problemas, competências essenciais no contexto educacional contemporâneo.

A análise dos questionários aplicados antes e depois das atividades demonstrou uma melhoria notável na capacidade dos alunos de localizar países europeus e reconhecer eventos históricos importantes. Essa evolução evidencia o impacto positivo da metodologia utilizada, que priorizou uma abordagem prática e colaborativa, facilitando a assimilação do conteúdo de maneira significativa e duradoura.

Outro ponto relevante foi a unanimidade entre os alunos quanto à relevância do conhecimento histórico para a compreensão dos desafios e oportunidades atuais. Essa

consciência histórica é vital para a formação de cidadãos mais informados e preparados para atuarem de forma consciente no cenário europeu e global. A integração de conteúdos históricos com outras disciplinas, como Geografia e Ciências, reforçou uma visão mais abrangente do ensino, ampliando a compreensão dos alunos sobre como diferentes áreas do conhecimento se interligam.

Os resultados deste estudo revelam vários pontos fortes nas práticas pedagógicas adotadas. Em primeiro lugar, a metodologia interativa foi um elemento essencial para o sucesso das atividades; a utilização de ferramentas didáticas como jogos e atividades práticas demonstrou ser altamente eficaz na motivação e participação dos alunos, facilitando a aprendizagem. Em segundo lugar, a promoção da cooperação e do trabalho em equipa foi evidente, criando um ambiente colaborativo que é fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Além disso, os alunos mostraram uma evolução notável na sua capacidade de análise crítica dos eventos históricos e da atualidade europeia, destacando-se assim a importância de se cultivar essa consciencialização crítica no contexto escolar.

Apesar dos pontos positivos, o estudo também identificou algumas dificuldades. Primeiramente, muitos alunos apresentavam um conhecimento superficial sobre a Europa antes das atividades, o que exigiu um esforço extra para desenvolver uma base sólida. Observou-se uma desigualdade na participação dos alunos; enquanto alguns se mostraram mais participativos, outros foram menos empenhados, o que criou desafios para garantir a inclusão de todos nas atividades. Por fim, a necessidade de mais recursos e ferramentas interativas foi uma limitação, pois a disponibilidade de materiais didáticos poderia ter potencializado ainda mais a experiência de aprendizagem.

Com base nas observações feitas, várias pistas para futuras investigações emergem. Uma área que merece exploração é o impacto da incorporação de tecnologias digitais no ensino da História Europeia, podendo enriquecer ainda mais as experiências de aprendizagem. Além disso, seria interessante realizar uma comparação entre diferentes métodos pedagógicos para avaliar a eficácia na assimilação de conteúdos históricos em diversos contextos escolares. Por último, um estudo longitudinal poderia ser útil para compreender como o conhecimento histórico adquirido impacta a formação de cidadãos ao longo da vida escolar e na vida adulta.

Este relatório representa não apenas um marco na formação académica e profissional, mas também uma oportunidade para refletir sobre os desafios e conquistas vivenciados ao longo do estágio pedagógico. Realizado numa escola da Ilha de São

Miguel, o estágio possibilitou um contacto direto com a realidade do ensino e proporcionou uma vivência prática rica e transformadora. A integração no Clube Europeu revelou-se particularmente valiosa, permitindo-me explorar, de forma aprofundada, as possibilidades de articulação entre o ensino de História e a promoção da cidadania europeia.

Além disso, a experiência no Clube Europeu permitiu-me desenvolver competências cruciais para a prática docente, como a gestão de projetos, o trabalho colaborativo e a capacidade de adaptar estratégias de ensino às necessidades e interesses específicos dos alunos. Essas aprendizagens consolidaram a minha confiança na importância de uma educação que valorize a interculturalidade e prepare os jovens para os desafios de um mundo globalizado.

A nível pessoal, esta experiência revelou-se profundamente enriquecedora, reforçando a minha vocação para o ensino e o meu compromisso em contribuir para uma educação de qualidade. Aprendi que ser docente implica muito mais do que transmitir conhecimento; exige a capacidade de inspirar, de motivar e de atuar como um facilitador na construção do saber. No contexto europeu, essa responsabilidade torna-se ainda mais significativa, pois envolve a preparação de alunos para compreenderem a complexidade e a interdependência do mundo em que vivem.

O estudo realizado demonstrou que a implementação de práticas pedagógicas inovadoras, que envolvem os alunos de maneira ativa e colaborativa, tem um efeito positivo no desenvolvimento do conhecimento histórico e geográfico. Além disso, o ensino da História Europeia no contexto escolar contribui para a formação de uma identidade europeia compartilhada, fundamentada no respeito à diversidade cultural e no reconhecimento da importância histórica do continente. Esta perspetiva ressoa com as reflexões da escritora açoriana Natália Correia (1992) na sua obra "Descobri Que Era Europeia", onde destaca a relevância da construção de uma identidade europeia rica e plural, capaz de integrar as diversas culturas e histórias que compõem o continente. Este trabalho reforça, assim, a importância de continuar a investir em metodologias que incentivem a participação ativa dos alunos, preparando-os não apenas para desafios académicos, mas também para o exercício da cidadania num mundo cada vez mais globalizado.

Podemos concluir que atingimos os principais objetivos propostos no início do estágio:

1. Ficámos a conhecer o contexto escolar e os alunos das turmas do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário;
2. Refletimos sobre a importância do ensino da História para o conhecimento das diferentes realidades espaço temporais;
3. Encorajámos os alunos a realizar comparações entre diferentes períodos e regiões da Europa, destacando semelhanças e diferenças em termos de desenvolvimento político, social e cultural;
4. Proporcionámos um processo educativo em História que destaque a importância do tempo e do espaço europeus na consciencialização histórica;
5. Incentivámos a empatia histórica, permitindo que os alunos compreendam as experiências humanas por trás dos eventos, promovendo uma compreensão mais profunda das motivações e perspetivas das pessoas em diferentes épocas históricas;
6. Concedemos aos alunos um ambiente pedagógico-prático que favoreça o espírito crítico dos alunos sobre o percurso da Europa;
7. Integrámos as tecnologias e recursos digitais para enriquecer a compreensão dos alunos, permitindo o acesso a materiais multimédia, arquivos históricos digitais e simulações interativas para contextualizar e visualizar as realidades espaço-temporais.

Por tudo o que foi referido ao longo deste relatório, considera-se que a consecução dos objetivos foi uma realidade que nos incentiva a continuar a valorizar as realidades espaço temporais da Europa no ensino da História. Este percurso foi marcado por desafios e superações que fortaleceram as minhas competências pedagógicas e me proporcionaram uma visão mais ampla e integrada sobre o papel do ensino de História na formação de cidadãos conscientes e críticos. Levo comigo a certeza de que a educação tem o poder de transformar realidades e a convicção de que, enquanto docente, posso fazer parte dessa transformação.

Bibliografia

Campos, A. (2015). *Educação para a cidadania e cidadania europeia nas escolas*. Editora Universitária.

Kaiser, C., & Boomgaarden, H. G. (2011). *Media, public opinion and the European Union: The impact of media coverage on the attitudes towards European integration*.

International Journal of Public Opinion Research, 23(1), 29-51.
<https://doi.org/10.1093/ijpor/edq026>.

Coelho, R. (2008). *Europa e juventude: o papel dos Clubes Europeus*. Fundação Europeia para a Educação.

Correia, N. (1992). *Descobri Que Era Europeia*. Edições Salamandra.

Costa, M. (2010). *Cidadania ativa e educação para a Europa*. Imprensa Académica.

Council of Europe. (1995). *Teaching History in the European Dimension: An Experiment in Policy and Practice*. Council of Europe Publishing.

Delanty, G. (2000). *Citizenship in a Global Age: Society, Culture, Politics*. Open University Press. https://books.google.pt/books?id=6ebpAAAAQBAJ&pg=PA7&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false

Drake, F. D., & Nelson, L. R. (2009). *Engagement in Teaching History: Theory and Practices for Middle and Secondary Teachers*. Pearson.

Eurofound. (2021). *Youth and COVID-19: Impacts on Jobs, Education, Rights and Well-being*. Publications Office of the European Union. <https://www.eurofound.europa.eu/en/publications/2021/impact-covid-19-young-people-eu>

Fiolhais, C. (2017). *A ciência em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Fonseca, A. (2017). *Geografia: Espaços e Interações*. Texto Editores.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática*. Celta Editora.
- Giesen, B. (2004). *European Identity: Between Nationalism, Cosmopolitanism, and Globalization*. European Journal of Social Theory.
- Gomes, R. (2020). *Dinâmicas Económicas da União Europeia*. Porto Editora.
- Harris, R., & Shear, S. (Eds.). (2018). *The Wiley International Handbook of History Teaching and Learning*. Wiley-Blackwell.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Edições Sílabo.
- Hirst, J. (2019). *Breve História da Europa*. Dom Quixote.
- Hobsbawm, E. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Paz e terra.
- Levstik, L. S., & Barton, K. C. (2015). *Doing History: Investigating with Children in Elementary and Middle Schools* (4^a ed.). Routledge.
- Martins, L. (2012). *Intercâmbio cultural e aprendizagem de idiomas no contexto europeu*. Instituto Europeu de Estudos.
- Mattoso, J. (1998). *Identificação de um País: Ensaio sobre as Origens de Portugal*. Círculo de Leitores.
- Neuendorf, K. A. (2017). *The Content Analysis Guidebook*. Thousand Oaks,. Sage Publications.
- Nóvoa, A. (2021). *Educação 2021: Para uma história do futuro*. Universidade de Lisboa.

Pausits, A. (2019). *Higher Education and International Student Mobility in the Global Knowledge Economy*. Palgrave Macmillan.

Peterson, J., & Shackleton, M. (2012). *The Institutions of the European Union*. Oxford University Press.

Piaget, J. (1975). *A representação do mundo na criança*. LTC Editora.

Radaelli, C. M., & Pasquier, M. (2018). *Policy-Making in the European Union*. Oxford University Press.

Read, H. (2001). *Educação pela Arte*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Rogoff, B. (2003). *The Cultural Nature of Human Development*. Oxford University Press.

Santos, J. (2014). *A importância da educação cívica na União Europeia*. Editora da Universidade de Braga.

Sérgio, M. (1981). *Teoria Geral do Treino Desportivo*. Lisboa. Livros Horizonte.

Silva, P. (2011). *Diversidade cultural e identidade europeia: perspectivas educacionais*. Edições Educativas.

Souza, A. E. et al. (2015). *Abordagem interdisciplinar: a compreensão do meio ambiente com o uso de diários de bordo como ferramenta pedagógica*. In XII Congresso Nacional de Educação.

Triandafyllidou, A., Wodak, R., Krzyżanowski, M. (2013). *The European Public Sphere and the Media: Europe in Crisis*. Springer.

Veal, A. J. (2018). *Research Methods for Leisure and Tourism* (5^a ed.). Pearson.

Vertovec, S. (2007). *Super-diversity and its implications*. *Ethnic and Racial Studies*. pp.1024-1054.

Wineburg, S. (2001). *Historical Thinking and Other Unnatural Acts: Charting the Future of Teaching the Past*. Temple University Press.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal